



**Associação de
Comércio Exterior
do Brasil - AEB**

Brazilian Foreign Trade Association

**RADIOGRAFIA
DO COMÉRCIO EXTERIOR
BRASILEIRO:
PASSADO, PRESENTE E FUTURO**

Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 2012

Av. General Justo, 335 – 4º andar – Cep 20021-130 – Rio de Janeiro – Brasil

Tel.: (21) 2544-0048 - Fax: (21) 2544-0577

www.aeb.org.br • aebbras@aeb.org.br



ÍNDICE TEMÁTICO

- 1 - Introdução
- 2 - Balança comercial brasileira
- 3 - Evolução dos preços médios de exportação, por commodity
- 4 - Evolução do quantum exportado, por commodity
- 5 - Evolução das receitas de exportação, por commodity
- 6 - Exportações por fator agregado, em toneladas,
- 7 - Importações por fator agregado, em toneladas,
- 8 - Composição das exportações, por fator agregado
- 9 - Composição das importações, por fator agregado
- 10 - Países de destino das exportações, em valor
- 11 - Países de destino das exportações, em percentual
- 12 - Países de origem das importações, em valor
- 13 - Países de origem das importações, em percentual
- 14 - Maiores superávits comerciais do Brasil
- 15 - Maiores déficits comerciais do Brasil
- 16 - Participação dos manufaturados nas exportações, por país
- 17 - Participação dos produtos básicos nas exportações, por país
- 18 - Destino, valor e participação de países na exportação de manufaturados
- 19 - Destino, valor e participação de países na exportação de básicos
- 20 - Participação efetiva das commodities nas exportações
- 21 - Vias de transporte na exportação, valor e tonelada, em 2011
- 22 - Vias de transporte na importação, valor e tonelada, em 2011
- 23 - Quantidade de empresas exportadoras e importadoras
- 24 - Moedas de realização das exportações
- 25 - Evolução das taxas de câmbio e defasagem cambial
- 26 - Valor das exportações mundiais, por país
- 27 - Valor das importações mundiais, por país
- 28 - Índices de participação nas exportações mundiais, por país
- 29 - Índices de participação nas importações mundiais, por país
- 30 - Ranking de países na exportação mundial
- 31 - Ranking de países na importação mundial
- 32 - Maiores superávits comerciais mundiais
- 33 - Maiores déficits comerciais mundiais

1 - INTRODUÇÃO

A decisão da AEB de realizar o presente estudo teve como objetivo estruturar e ordenar dados e informações, de forma a constituir uma Radiografia do Comércio Exterior Brasileiro, com vistas a viabilizar e facilitar a realização de análises, avaliações e novos estudos relativos ao tema comércio internacional.

Essa finalidade esteve presente no momento de compilar os dados e informações, de definir e selecionar os quadros a serem criados, de programar seus conteúdos, de elaborar sobre os dados disponíveis e de apresentar os resultados obtidos.

Por esta razão, todos os quadros deste estudo são auto explicativos, contemplando séries históricas de dados, bem como descrições e análises, ainda que sucintas e factuais.

Cabe registrar que todos os dados utilizados são de fontes oficiais como SECEX - Secretaria de Comércio Exterior do MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, OMC - Organização Mundial de comércio e BACEN - Banco Central do Brasil.

Visando a permitir que este estudo se torne uma efetiva fonte de consulta para todos os interessados em assuntos atinentes ao comércio exterior, a AEB buscará atualizá-lo sempre que novos dados e informações forem divulgadas, além de torná-lo disponível para consulta no seu website www.aeb.org.br

2 – BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA

O comércio exterior brasileiro vem obtendo nos últimos 10 anos excelente desempenho, com destaque para as exportações, que estão aproveitando o ciclo virtuoso das commodities, iniciado no ano 2000 com elevação das cotações e seguindo em 2001 com aumento do quantum, cenário que pode estar mudando em 2012, devido à ameaça de crise que ronda a Europa e que pode contaminar a economia mundial.

Após a balança comercial brasileira apresentar déficits comerciais no período de 1995 a 2000, época de implantação do Plano Real e de crises internacionais em diferentes países, não por coincidência, a partir do ano 2001 o Brasil voltou a gerar superávits comerciais, que apresentaram crescimento contínuo até atingir seu valor mais alto, e recorde histórico, em 2006.

A partir de 2007, como reflexo da valorização do real, as importações passaram a crescer em índices percentuais maiores que as exportações, e como resultado, os superávits comerciais começaram a diminuir gradativamente, situação revertida em 2011, graças à nova elevação das cotações das commodities, com destaque especial para o minério de ferro.

Quanto à corrente de comércio, exceto em 2009 devido à crise internacional do subprime, desde 1999 tem sido observado sólido crescimento, que contou nos últimos cinco anos com a importante ajuda proporcionada pelo aumento das importações.

Analizados apenas sob o enfoque numérico, estes dados são considerados positivos, porém, sua manutenção e continuidade dependem menos do Brasil e mais da existência de favorável cenário econômico internacional, a exemplo do que vem ocorrendo desde o início da década passada.

A dependência de fatores externos está relacionada ao fato de mais de 70% das exportações brasileiras serem compostas por commodities, mercadorias que o Brasil não detém qualquer controle sobre suas cotações internacionais, e muito menos sobre as quantidades a serem exportadas, conforme será mostrado nos dados dos quadros subseqüentes.

Os dados da balança comercial que amparam estes cenários estão descritos no quadro adiante.

ANO	EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO		SALDO	CORRENTE COM.
	US\$ BI	VAR.%	US\$ BI	VAR.%	US\$ BI	US\$ BI
1991	31,620	-	21,040	-	10,580	52,660
1992	35,793	13,20	20,554	-2,31	15,239	56,347
1993	38,555	7,72	25,256	22,88	13,299	63,811
1994	43,545	12,94	33,079	30,97	10,466	76,624
1995	46,506	6,80	49,971	51,07	-3,465	96,477
1996	47,746	2,67	53,345	6,75	-5,599	101,091
1997	52,983	10,97	59,747	12,00	-6,764	112,730
1998	51,140	-3,48	57,763	-3,32	-6,623	108,903
1999	48,012	-6,11	49,301	-14,65	-1,289	97,313
2000	55,119	14,80	55,851	13,28	-0,732	110,970
2001	58,286	5,75	55,601	-0,45	2,685	113,887
2002	60,438	3,69	47,242	-15,03	13,196	107,680
2003	73,203	21,12	48,325	2,29	24,878	121,528
2004	96,677	32,07	62,835	30,03	33,842	159,512
2005	118,529	22,60	73,600	17,13	44,929	192,129
2006	137,807	16,26	91,351	24,12	46,456	229,158
2007	160,649	16,58	120,617	32,04	40,032	281,266
2008	197,942	23,21	172,985	43,42	24,957	370,927
2009	152,994	-22,71	127,722	-26,17	25,272	280,716
2010	201,915	31,98	181,649	42,22	20,266	383,564
2011	256,041	26,81	226,251	24,55	29,790	482,292
2012*	236,580	- 7,60	233,540	3,22	3,040	470,120

Fonte: **MDIC/SECEX**

Elaboração: **AEB**

***Previsão**

Face à subordinação das commodities descrita, projetar o futuro das exportações brasileiras não depende apenas da tomada de decisões internas, mas do comportamento do mercado e do cenário econômico externos, ambos fatores fora de controle e influência do Brasil.

Em contrapartida, fazer previsão das importações, compostas majoritariamente por produtos manufaturados, tem maior potencial de acerto, pois depende da demanda doméstica, disponibilidade de crédito interno e taxa de câmbio, em princípio, fatores decorrentes de ações governamentais.

Assim, com a atual pauta de exportação sendo composta em sua maioria por commodities, elaborar previsão de exportações tornou-se um exercício de futurologia, e como consequência, o saldo da balança comercial também fica sujeito ao grau de flutuação das cotações das commodities.

Esta situação se aplica a 2012, ano ameaçado por uma crise instalada na União Européia e que, dependendo do seu nível de intensidade, determinará se a queda das exportações brasileiras será maior ou menor.

Baseado nos dados e fatos conhecidos até este momento, tudo indica que deverá haver queda nas cotações das commodities em 2012 que, em consequência, acarretará redução do montante das exportações em relação ao ano de 2011.

As importações poderão ter pequeno crescimento, dependendo do nível da demanda doméstica, da disponibilidade de financiamento interno, da taxa cambial e do resultado das medidas fiscais e monetárias que tem sido tomadas pelo Governo para manter aquecido o mercado doméstico.

Como resultado de possível crise na Europa em 2012, o superávit comercial de US\$3,040 bilhões projetado pela AEB caminha para ser o menor desde 2001. Em caso de agravamento da crise, não deve ser descartada a hipótese de déficit comercial, situação que não ocorre desde o ano 2000.

3 – EVOLUÇÃO DOS PREÇOS MÉDIOS DE EXPORTAÇÃO, POR COMMODITY

A forte valorização nas cotações das commodities teve início no ano 2000, perdeu força nos dois anos subsequentes devido aos impactos causados pela crise internacional que envolveu diferentes países, reiniciou em 2003 o processo de alta e no ano de 2011 atingiu seus recordes históricos, conforme apresentado no quadro abaixo, que lista as cotações médias das principais commodities exportadas pelo Brasil.

Naturalmente, ao utilizar cotações médias para fins de comparação, fica subentendido que, em determinados meses os preços de exportação foram superiores ou inferiores aos valores médios recordes apurados. Como exemplo, em 2011 a cotação máxima de alguns produtos, por tonelada, foram: minério de ferro US\$136,60; soja em grão US\$523,60; açúcar refinado US\$711,10; celulose US\$592,50; petróleo US\$748,60 e couros US\$6.576,50, valores acima dos preços médios informados no quadro adiante.

PRODUTOS	PREÇOS MÉDIOS DE EXPORTAÇÃO – US\$ / TON												
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012*
Café cru	1613	964	770	951	1240	1861	1984	2270	2637	2294	2893	4466	4600
Soja grão	190	177	190	216	280	238	227	283	447	400	380	495	430
Farelo Soja	176	183	176	191	226	199	196	237	355	375	345	397	310
Fumo folha	2380	2116	2103	2258	2383	2693	2993	3160	3958	4521	5490	5395	5300
Açúcar brut	175	198	146	162	158	206	307	251	268	333	444	573	530
Açúcar ref.	203	215	172	173	182	234	368	285	313	376	489	652	590
Suco laranj	832	666	867	750	668	625	829	1090	972	783	897	1184	1250
Carne frang	889	1034	834	889	1029	1203	1130	1402	1781	1475	1673	1979	1950
Carne bov	2668	2006	1804	1862	2122	2228	2558	2711	3917	3264	4059	5083	5000
Carne suín	1403	1400	1045	1150	1580	1938	2045	2104	2918	2102	2645	2949	2900
Celulose	532	374	337	382	345	367	397	458	542	385	540	561	510
Couros	3891	4180	4162	4157	4080	4266	4600	5647	6474	3766	5074	5851	5800
Minério	19	19	18	20	22	33	37	39	59	50	93	126	105
Alumínio	1536	1446	1322	1376	1633	1816	2435	2608	2590	1561	2113	2395	2000
Petróleo	164	126	139	168	210	291	359	405	606	342	495	691	690

Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: AEB

*Previsão

Avaliando-se os dados constantes no quadro acima, alguns pontos merecem ser destacados:

- após os preços terem aumentado no ano 2000, a cotação da maioria das commodities atingiu em 2002 o que se pode denominar de “fundo do poço” na década passada. Porém, a partir de 2003 as cotações voltaram a crescer de forma contínua até atingir seus recordes históricos em 2011;
- o único produto que a cotação vigente no ano 2011 é similar à praticada no ano 2000 é celulose, e com tendência de queda em 2012;
- confrontando-se as cotações vigentes em 2011 com os preços considerados elevados do ano 2000, ainda assim todos os produtos apresentaram aumentos de cotação, a maioria expressivos, sendo dignos de destaque os 563% de minério de ferro, os 321% de petróleo e os 227% de açúcar bruto, sem desmerecer diversos outros produtos com índices superiores a 100%.

Não obstante os recordes das cotações das commodities em 2011, alcançados graças à forte demanda da China e ao favorável cenário econômico internacional, as perspectivas para os próximos anos começam a gerar dúvidas e incertezas, pois importantes países e blocos econômicos sinalizam riscos de deterioração econômica, quadro que, se confirmado, deve se refletir diretamente e negativamente sobre as futuras cotações das commodities.

Embora quase todos os indicadores sinalizem provável diminuição ou retração das atividades econômicas, que podem levar à queda das cotações das commodities, neste momento não se pode determinar em que nível percentual as cotações futuras poderão ser afetadas, pois ainda é impossível precisar o grau de intensidade da crise européia.

Nesse sentido, independente do nível de intensidade da potencial crise, tudo leva a crer que em 2012 as cotações médias das commodities serão menores que as praticadas em 2011, com as commodities metálicas e minerais devendo ser mais afetadas negativamente em comparação às commodities alimentícias.

4 – EVOLUÇÃO DO QUANTUM EXPORTADO, POR COMMODITY

A elevação das quantidades exportadas de commodities, ao contrário das cotações, teve início em 2001 e manteve crescimento contínuo até o presente ano de 2011, com discreta redução no quantum exportado de alguns poucos produtos em 2008, por conta da crise internacional gerada pelo subprime nos Estados Unidos.

Numericamente, o quadro seguinte mostra a evolução das quantidades exportadas das principais commodities brasileiras, a partir do ano 2000.

PRODUTOS	QUANTIDADES EXPORTADAS POR COMMODITIES – Em 1.000 Tons												
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012*
Café cru	967	1252	1551	1369	1411	1352	1475	1488	1567	1639	1791	1791	1800
Soja grão	11517	15675	15970	19890	19248	22435	24958	23734	24499	28563	29073	32985	32500
Farelo soja	9375	11271	12517	13602	14486	14422	12332	12474	12288	12253	13668	14355	15000
Fumo folha	341	435	465	466	579	616	566	694	678	662	493	533	500
Açúcar brut	4344	7090	7630	8354	9566	11579	12807	12443	13624	17925	20939	20153	20000
Açúcar ref	2158	4083	5724	4561	6198	6568	6063	6916	5848	6368	7061	5204	5000
Suco laranj	1224	1219	1003	1590	1584	1777	1772	2066	2054	2069	1978	2007	1900
Carne frang	907	1249	1600	1922	2424	2762	2586	3007	3268	3266	3461	3570	3500
Carne bovi	189	368	430	620	925	1085	1225	1286	1023	926	951	820	800
Carne suín	116	247	449	458	471	579	484	552	467	529	464	436	480
Celulose	3010	3333	3440	4566	4987	5545	6238	6570	7202	8586	8793	8880	8500
Couros	194	209	230	254	316	327	407	387	288	306	341	349	330
Minério**	157	156	166	175	218	224	243	269	282	266	311	331	320
Alumínio	616	467	615	656	583	561	614	581	547	649	525	487	500
Petróleo	964	5721	12135	12607	12036	14313	19191	21974	22371	26749	32602	31258	30000

Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: AEB

*Previsão

**Milhões de tons

Analisando-se os dados que compõem este quadro, algumas informações chamam a atenção, e que resumidamente são assim descritas:

- todas as commodities tiveram crescimento quantitativo no período 2011-2000, algumas em percentuais tão significativos que fogem aos parâmetros normalmente praticados e previsíveis;
- dentre os maiores índices de expansão do quantum exportado destacam-se petróleo com 3.142%, açúcar bruto 363%, carne bovina 333% e carne de frango 294%;
- as quantidades exportadas de commodities alimentícias cresceram mais que as metálicas;
- o explosivo crescimento de petróleo deve-se à sua exportação em escala comercial ter tido início naquele ano;
- a única commodity que reduziu a quantidade exportada no período 2011-2000 foi alumínio, em razão do aumento da tarifa interna de energia elétrica, que elevou o custo de produção, e da valorização do real, que tornou cara a exportação de alumínio.

Como informação complementar, na última década o Brasil não passou por nenhuma grande frustração de safra no agronegócio, decorrente de seca ou excesso de chuva, com este cenário favorável contribuindo para elevação da produção e obtenção dos recordes nas quantidades exportadas.

5 – EVOLUÇÃO DAS RECEITAS DE EXPORTAÇÃO, POR COMMODITY

Considerando-se que as commodities são responsáveis por mais de 70% das receitas de exportação do Brasil, a conjugação de forte aumento de seus preços com significativa expansão das quantidades exportadas, como resultado natural, gera elevação dupla das receitas de exportação, conforme demonstram os números do quadro adiante.

PRODUTOS	RECEITAS DE EXPORTAÇÃO POR COMMODITIES – US\$ BILHÕES												
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012*
Café cru	1,559	1,207	1,195	1,302	1,750	2,516	2,928	3,378	4,131	7,761	5,182	8,000	8,280
Soja grão	2,188	2,725	3,032	4,290	5,395	5,345	5,663	6,709	10,952	11,424	11,043	16,327	13,980
Farelo soja	1,650	2,065	2,199	2,602	3,271	2,865	2,419	2,957	4,363	4,593	4,719	5,698	4,650
Fumo folha	0,813	0,921	0,978	1,052	1,380	1,660	1,694	2,194	2,683	2,992	2,707	2,878	2,650
Açúcar brut	0,761	1,401	1,111	1,350	1,511	2,382	3,936	3,129	3,649	5,979	9,307	11,549	10,600
Açúcar ref	0,438	0,878	0,982	0,790	1,129	1,537	2,231	1,971	1,833	2,399	3,455	3,391	2,950
Suco laranj	1,019	0,812	0,869	1,193	1,057	1,110	1,469	1,613	1,996	1,619	1,775	2,376	2,640
Carne frang	0,806	1,292	1,335	1,710	2,494	3,324	2,923	4,217	5,822	4,818	5,789	7,063	6,830
Carne bovi	0,503	0,739	0,776	1,154	1,963	2,419	3,134	3,486	4,006	3,022	3,861	4,169	4,080
Carne suín	0,163	0,346	0,469	0,526	0,744	1,123	0,990	1,162	1,364	1,112	1,226	1,286	1,340
Celulose	1,601	1,246	1,160	1,743	1,722	2,034	2,478	3,012	3,901	3,309	4,750	4,985	4,500
Couros	0,756	0,872	0,956	1,056	1,290	1,394	1,872	2,185	1,867	1,152	1,732	2,043	1,910
Minério	3,048	2,931	3,049	3,456	4,759	7,297	8,949	10,558	16,538	13,247	28,912	41,817	33,600
Alumínio	0,946	0,675	0,813	0,903	0,952	1,020	1,495	1,517	1,417	1,013	1,109	1,166	1,000
Petróleo	0,158	0,721	1,691	2,122	2,528	4,164	6,894	8,905	13,556	9,152	16,151	21,603	20,700

Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: AEB

*Previsão

As cotações e quantidades recordes alcançadas pela maioria das commodities nas exportações em 2011 tiveram como consequência a geração de receitas igualmente recordes nesse ano.

Tomando-se as receitas de exportação das commodities em 2011 e confrontando-as com as obtidas pelo mesmo produto no ano 2000, obtém-se impressionantes e antes inimagináveis índices percentuais de crescimento, praticamente impossíveis de serem projetados em qualquer cenário, dada suas magnitudes.

Como exemplos de fantásticos crescimentos de receita no período 2011-2000 podem ser citados o petróleo com 13.572%, açúcar bruto com 1.417%, minério de ferro com 1.271%, carne de frango com 776%, açúcar refinado com 674%, carne bovina com 729%, soja com 646% e outros com elevados índices.

Os valores apurados nas exportações de commodities, apontados no quadro anterior, comprovam que nos últimos anos as commodities foram responsáveis pelo acelerado crescimento das receitas de exportação brasileiras, contribuindo decisivamente para quitar a dívida externa, eliminar a vulnerabilidade internacional e engordar as reservas cambiais.

Apenas como particularidade, no período entre 2001 e 2011, o superávit comercial acumulado pelo Brasil foi de US\$306 bilhões, montante próximo aos atuais US\$350 bilhões de reservas cambiais.

A forte expansão acumulada no quantum das exportações de commodities, aliada à também expressiva valorização de suas cotações, são as razões que justificam o excelente desempenho numérico que a balança comercial obteve nos últimos 11 anos.

Esta sólida conjugação de aumentos de preço e de quantidade faz com que a defasagem cambial gerada pela valorização do real seja absorvida e tenha reflexo apenas sobre a rentabilidade das exportações de commodities, sem afetar sua competitividade externa.

Situação oposta é observada na exportação de produtos manufaturados, cujos preços não apresentam elevação nos padrões explosivos das commodities e o aumento das quantidades exportadas, quando existe, situa-se dentro de parâmetros civilizados.

Além disso, com os custos de produção aumentando em reais e a valorização da taxa de câmbio do real frente ao dólar, os produtos manufaturados estão sendo duplamente penalizados, e, a consequência natural é a redução, e até mesmo eliminação, da competitividade dos produtos manufaturados na exportação, cenário que tem sido observado nos recentes últimos anos.

Como informação complementar, as quatro commodities (minério de ferro, petróleo, soja em grão e açúcar bruto) cujas receitas de exportação ultrapassaram dois dígitos de bilhão em 2011, foram responsáveis por 35% das exportações brasileiras.

6 – EXPORTAÇÕES POR FATOR AGREGADO, EM TONELADAS

Com vistas a proporcionar uma visão global das exportações brasileiras, em termos de quantum, o quadro a seguir detalha os embarques para o exterior a partir do ano 1995, separados por categoria de produto, em milhões de toneladas:

ANOS	EXPORTAÇÃO POR FATOR AGREGADO – Em Milhões de Toneladas				
	BÁSICOS	SEMIMANUFAT	MANUFATUR	OPER. ESPEC	TOTAL
1995	159	17	20	5	201
1996	156	19	21	3	199
1997	164	19	21	5	209
1998	181	21	24	4	230
1999	172	25	27	5	229
2000	192	22	25	5	244
2001	209	27	32	5	273
2002	225	29	36	5	295
2003	242	32	42	5	321
2004	293	35	50	5	383
2005	301	38	52	6	397
2006	325	38	55	6	424
2007	362	37	56	6	461
2008	373	39	51	6	469
2009	363	39	47	6	455
2010	424	43	47	6	520
2011	447	45	46	6	544
2012*	420	43	46	6	515

Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: AEB

*Previsão

As exportações de commodities, pelas suas próprias características, são responsáveis por mais de 80% dos volumes quantitativos, em milhões de toneladas.

Pelas razões expostas anteriormente, no período 2000-2011, as quantidades exportadas de produtos básicos cresceram 133%, de semimanufaturados aumentaram 104% e de manufaturados expandiram 84%.

Os dados mostram também que, nos últimos 3 anos, as quantidades exportadas de produtos manufaturados permaneceram estáveis, porém em nível inferior ao apurado no período 2005-2008, indicando redução de competitividade e conseqüente perda de mercado externo, devido à expressiva valorização do Real.

Enquanto isso, as exportações de produtos básicos, compostas integralmente por commodities, mantiveram seu contínuo e forte ritmo de crescimento durante todo o período, apenas com leve queda em 2009, decorrente da crise financeira do subprime nos Estados Unidos.

Confrontando-se as quantidades totais de exportação em 2011 com 2010, o aumento é de apenas 4,6%, sugerindo que a demanda internacional pode estar se estabilizando e emitindo sinais de fadiga de consumo, que podem vir a provocar em 2012 queda nas quantidades de exportação, especialmente de commodities.

Avaliando-se por fator agregado as quantidades exportadas em 2011 relativamente a 2010, verifica-se que os produtos básicos tiveram crescimento de 5,4%, graças a minério de ferro, os semimanufaturados aumentaram 4,6%, amparados nos semimanufaturados de ferro e aço, e os manufaturados tiveram queda de 2,1%, devido à redução dos embarque de açúcar refinado.

Como se constata, em cada categoria de fator agregado uma commodity específica é responsável pela elevação ou diminuição das quantidades exportadas.

Estes dados confirmam que o Brasil é um exportador de peso, pois mais de 90% das quantidades exportadas são de matérias primas, e pesadas.

Em outras palavras, nossa pauta de exportação pode ser caracterizada como exportadora de empregos, pois é integrada por matérias primas que vão gerar empregos no exterior.

7 – IMPORTAÇÕES POR FATOR AGREGADO, EM TONELADAS

Os dados apresentados no quadro adiante mostram a distribuição das importações por fator agregado, em milhões de toneladas, onde se destacam os produtos manufaturados, que cresceram 100% no período 2011-2000, enquanto os semimanufaturados aumentaram 50% e os básicos foram ampliados em apenas 29%, sendo que as importações totais tiveram expansão de 59%.

Os produtos manufaturados, sob o aspecto quantum, representam cerca de 51% das importações brasileiras, situação diametralmente oposta a que ocorre nas exportações.

Por sua vez, as quantidades importadas de produtos básicos representam aproximadamente 42% do total importado, sendo que quase 80% deste índice está concentrada em apenas 4 (quatro) produtos: petróleo, hulha, gás natural e trigo.

Avaliando-se a evolução das quantidades importadas, por fator agregado, no período de 2011 em relação a 2010, observa-se crescimento de apenas 3,3% nos básicos, de 11,5% nos semimanufaturados e de 10,1% nos manufaturados.

ANOS	IMPORTAÇÕES POR FATOR AGREGADO – Em Milhões de Toneladas			
	BÁSICOS	SEMIMANUFATUR.	MANUFATURADOS	TOTAL
1995	49	4	31	84
1996	55	5	44	104
1997	53	6	32	91
1998	52	4	36	92
1999	47	4	34	85
2000	49	6	38	93
2001	49	5	39	93
2002	48	5	37	90
2003	51	6	36	93
2004	56	8	39	103
2005	56	6	32	94
2006	58	7	37	102
2007	65	8	46	119
2008	66	8	50	124
2009	55	5	44	104
2010	61	8	69	138
2011	63	9	76	148
2012*	64	11	80	155

Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: AEB

*Previsto

Desde 2007, os produtos básicos sinalizam uma estabilização no quantum importado, apresentando pequena variação entre as quantidades máxima e mínima em cada ano. Por sua vez, os produtos semimanufaturados, após período de estabilidade, começam a mostrar tendência de crescimento.

Enquanto isso, as quantidades importadas de produtos manufaturados tiveram crescimento contínuo a partir de 2005, e foram fortemente aceleradas nos dois últimos anos, impulsionadas pela demanda doméstica e pela forte valorização do Real.

A maior participação dos produtos manufaturados na pauta de importação, em muitos casos configura um aspecto negativo, pois equivale à geração de desemprego no Brasil, em contrapartida à criação de empregos no exterior.

Além disso, o crescimento das importações de produtos manufaturados também pode significar que um silencioso processo de desindustrialização está em curso, seja porque é mais barato produzir no exterior, seja devido aos elevados custos de pessoal, tributário, financeiro, burocrático, logístico, etc. vigentes no Brasil.

8 – COMPOSIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES, POR FATOR AGREGADO

As estatísticas de exportação mensalmente divulgadas pelo MDIC/SECEX tem mostrado que, nos recentes últimos anos, vem ocorrendo elevação na participação percentual dos produtos básicos, em contrapartida à redução dos produtos manufaturados, sendo que, em 2010, depois de 32 anos, ocorreu inversão de posições, com os produtos básicos superando os manufaturados.

Esta mudança se verificou devido às elevadas cotações alcançadas pelas commodities e à redução das exportações de produtos manufaturados, afetadas negativamente pela valorização do Real.

Para o comércio exterior brasileiro, que tem proporcionado números recordes de exportação e importação, em termos cambiais, este cenário se apresenta como positivo, pois as divisas geradas nas exportações de commodities possuem o mesmo valor que aquelas obtidas com as exportações de produtos manufaturados.

Todavia, como nas exportações de commodities o exportador brasileiro não exerce influência ou controle sobre suas cotações ou quantidades, que são fixadas pelo mercado internacional, o exportador atua de forma passiva, sempre dependente do cenário econômico internacional, razão pela qual o mercado de commodities é considerado instável.

Em contrapartida, nas vendas ao exterior de produtos manufaturados, os exportadores desempenham papel ativo, pois a iniciativa da venda e a definição do preço da mercadoria estão sob a responsabilidade da empresa exportadora, tornando o mercado mais estável e menos sujeito a instabilidades, além de proporcionar a geração de maior valor agregado e mais empregos qualificados no Brasil.

O quadro adiante mostra a composição das exportações brasileiras desde 1975, em índices percentuais, separadas por fator agregado.

ANOS	EXPORTAÇÕES POR FATOR AGREGADO - %			
	BÁSICOS	SEMIMANUFAT	MANUFATUR.	OPERAÇ. ESP.
1970	74,83	9,10	15,19	0,88
1975	57,98	9,79	29,81	2,42
1978	47,22	11,22	40,15	1,41
1980	42,16	11,67	44,84	1,33
1985	33,30	10,76	54,85	1,09
1990	26,84	15,96	55,99	1,21
1995	22,61	20,57	55,49	1,33
2000	22,79	15,42	59,07	2,72
2001	26,33	14,14	56,54	2,98
2002	28,06	14,83	54,71	2,39
2003	28,94	14,95	54,32	1,79
2004	29,51	13,89	54,96	1,63
2005	29,30	13,47	55,14	2,09
2006	29,23	14,17	54,44	2,16
2007	32,12	13,57	52,25	2,06
2008	36,89	13,68	46,82	2,61
2009	40,50	13,40	44,02	2,08
2010	44,58	13,97	39,40	2,05
2011	47,83	14,07	36,05	2,05
2012*	45,45	13,93	38,38	2,24

Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: AEB

*Previsão

Os dados apresentados permitem constatar que a participação percentual dos produtos básicos vem crescendo continuamente desde o ano 2000, quando representavam 22,79% das exportações, até atingirem em 2011 o elevado nível de 47,83%, percentual superior ao mesmo índice de 1978.

Trilhando sentido contrário, as exportações de produtos manufaturados vêm perdendo participação, depois de alcançarem o nível máximo de 59,07% no ano 2000 e atingirem apenas 36,05% em 2011, significando forte redução de 23 pontos percentuais, constituindo e caracterizando pesada perda de mercado externo, e correspondente redução de empregos no Brasil.

O atual nível de participação dos produtos básicos é idêntico ao de 1978, enquanto o índice de produtos manufaturados é inferior, época em que o Brasil começava a se inserir no mercado internacional através das commodities.

O cenário atual sinaliza que o Brasil pode estar passando por um processo de reprimarização, exatamente o oposto dos objetivos que vigoravam na década de 70, que era ampliar a participação de produtos manufaturados na pauta de exportação.

Finalmente, a AEB tem afirmado que, atualmente, as commodities representam mais de 70% das exportações brasileiras. Isto se deve ao fato de os produtos básicos e semimanufaturados serem integralmente caracterizados e comercializados como commodities, além de alguns itens classificados como produtos manufaturados, mas que são efetivamente commodities, tais como, açúcar refinado, suco de laranja, óleos combustíveis, gasolina, etanol, laminados de ferro ou aço, café solúvel, silício, óxidos e hidróxidos de alumínio, alumínio em barras, etc.

9 – COMPOSIÇÃO DAS IMPORTAÇÕES, POR FATOR AGREGADO

Avaliados como um todo, os dados constantes do quadro relativo à composição das importações, por fator agregado, mostram relativa estabilidade.

Contrariamente ao que tem sido constatado nas exportações, nos últimos três anos foi observado nas importações leve queda no índice percentual de participação dos produtos básicos e correspondente aumento na participação dos manufaturados.

A princípio, este dado pode ser considerado surpreendente, pois em condições normais, a forte elevação das cotações das commodities deveria ampliar a participação dos básicos, mas que foi anulada e compensada pela também vigorosa expansão das importações de produtos manufaturados, principalmente devido à elevação nas quantidades importadas.

ANOS	IMPORTAÇÕES POR FATOR AGREGADO - %		
	BÁSICOS	SEMIMANUFATURADOS	MANUFATURADOS
1995	16,34	3,48	80,16
1996	17,77	3,08	79,15
1997	14,71	2,92	82,37
1998	12,79	2,96	84,25
1999	12,37	3,17	84,46
2000	13,07	3,76	83,17
2001	12,19	3,41	84,40
2002	14,60	3,56	81,84
2003	16,89	3,99	79,11
2004	18,62	4,49	76,89
2005	18,59	4,31	77,11
2006	18,83	4,71	76,45
2007	18,05	4,69	77,26
2008	18,38	5,13	76,49
2009	14,71	4,00	81,29
2010	13,10	3,91	82,99
2011	14,19	4,15	81,66
2012*	14,00	4,00	82,00

Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: AEB

*Previsão

Apesar da idéia de estabilidade que os dados indicam, estes números devem ser motivo de preocupação, pois a elevação da participação dos produtos manufaturados indica uma preferência pela importação em detrimento da produção doméstica, o que pode sinalizar um processo de desindustrialização, localizada ou generalizada.

Registre-se que, não por coincidência, nos últimos três anos a valorização do Real atingiu os mais elevados patamares de defasagem cambial.

Face ao quadro descrito, recomenda-se o acompanhamento e avaliação dos próximos níveis de participação, especialmente de produtos manufaturados, para, caso necessário, viabilizar a adoção de medidas tempestivamente.

10 – PAÍSES DE DESTINO DAS EXPORTAÇÕES, EM VALOR

As exportações totais do Brasil tiveram forte crescimento nos últimos anos, ajudadas pelas expressivas altas nas cotações das commodities e nas quantidades exportadas.

Este cenário tem produzido mudanças no desempenho dos países de destino das exportações, com a China assumindo em 2009 a posição de maior país importador de produtos brasileiros, os EUA perdendo sua liderança eterna até ser destronado pela China e a Argentina ficando bem perto de desalojar os EUA da segunda posição, entre outras alterações.

PAÍSES	PAÍSES DE DESTINO DAS EXPORTAÇÕES - US\$ BILHÕES											
	1990	2000	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
China	0,381	1,085	2,520	4,533	5,441	6,834	8,402	10,748	16,522	21,003	30,785	44,314
EUA	7,594	13,189	15,377	16,728	20,099	22,539	24,524	25,065	27,423	15,601	19,307	25,804
Argentina	0,645	6,237	2,346	4,569	7,390	9,930	11,739	14,416	17,605	12,784	18,522	22,709
Holanda	2,494	2,796	3,183	4,247	5,919	5,285	5,748	8,840	10,482	8,150	10,227	13,639
Japão	2,348	2,474	2,102	2,315	2,774	3,482	3,894	4,321	6,114	4,269	7,140	9,473
Alemanha	1,843	2,526	2,539	3,140	4,046	5,032	5,691	7,211	8,850	6,174	8,138	9,039
Itália	1,614	2,146	1,817	2,209	2,909	3,228	3,836	4,463	4,765	3,016	4,235	5,440
Chile	0,483	1,247	1,464	1,886	2,555	3,623	3,913	4,264	4,791	2,656	4,258	5,418
Reino Un.	0,945	1,499	1,770	1,901	2,121	2,597	2,829	3,301	3,791	3,723	4,627	5,202
Coréia Su	0,543	0,580	0,852	1,223	1,429	1,896	1,962	2,046	3,133	2,658	3,760	4,693
Espanha	0,704	1,004	1,105	1,537	1,978	2,157	2,279	3,405	4,045	2,637	3,867	4,674
Venezuela	0,267	0,752	0,798	0,608	1,489	2,223	3,565	4,723	5,150	3,610	3,853	4,591
França	0,902	1,730	1,525	1,717	2,193	2,507	2,669	3,471	4,125	2,905	3,576	4,319
Rússia	0,208*	0,422	1,252	1,500	1,658	2,917	3,443	3,741	4,652	2,866	4,152	4,216
Bélgica	0,979	1,785	1,888	1,791	1,921	2,144	2,996	3,886	4,422	3,137	3,476	3,959
México	0,505	1,712	2,345	2,747	3,957	4,073	4,458	4,260	4,281	2,675	3,715	3,959
Arábia Sd	0,289	0,413	0,558	0,672	0,826	1,203	1,486	1,478	2,563	1,952	3,098	3,476
Índia	0,167	0,217	0,653	0,553	0,652	1,137	0,938	0,957	1,102	3,415	3,492	3,200
Paraguai	0,380	0,832	0,559	0,708	0,873	0,962	1,233	1,648	2,487	1,683	2,547	2,968
Egito	0,174	0,239	0,386	0,462	0,623	0,868	1,349	1,238	1,408	1,443	1,967	2,624
Colômbia	0,162	0,515	0,638	0,751	1,043	1,412	2,139	2,338	2,295	1,801	2,196	2,577
Peru	0,146	0,354	0,438	0,491	0,636	0,938	1,509	1,648	2,298	1,489	2,020	2,262
Uruguai	0,294	0,669	0,412	0,405	0,670	0,853	1,012	1,288	1,644	1,360	1,531	2,174
África Sul	0,166	0,302	0,478	0,733	1,037	1,371	1,462	1,757	1,754	1,259	1,309	1,680
Bolívia	0,181	0,364	0,422	0,362	0,540	0,585	0,701	0,850	1,135	0,919	1,162	1,511
Nigéria	0,179	0,246	0,507	0,469	0,505	0,953	1,373	1,512	1,535	1,066	0,882	1,192
Angola	0,083	0,106	0,199	0,235	0,357	0,521	0,837	1,218	1,974	1,333	0,947	1,073

Fonte: OMC

Elaboração: AEB

*URSS

Conforme mostram os dados do quadro, no período 2011-2000, as exportações totais do Brasil cresceram 365%, sendo que para a China aumentaram 3.984%, para a Índia 1.374%, para a Coréia do Sul 709%, para a Holanda 399%, para a Argentina 264% e para a Alemanha 258%, entre outros expressivos índices de crescimento.

As exportações para os EUA aumentaram 95%, o menor crescimento, mas, que em condições normais seria considerado um bom índice.

Elaborando-se outras comparações com as exportações para os EUA, pode-se constatar que seu desempenho tem sido decepcionante, inclusive com quedas nominais dos valores exportados, conforme demonstram os dados relativos aos seguintes períodos:

- período 2011 - 2007 : 2,9%
- período 2009 - 2002 : 1,4%
- período 2010 - 2008 : - 29,6%

Registre-se que, embora ruins, estes índices ainda foram ajudados pela inversão ocorrida na pauta de exportação para os EUA, pois no ano de 2002, dos dez principais produtos de exportação 7 eram manufaturados e 3 commodities, enquanto em 2011, as commodities passaram a ser 7 produtos e os manufaturados 3.

Os dados relativos aos destinos das exportações são considerados excelentes, quando analisados sob o aspecto numérico, pois, excetuando-se os EUA, que tiveram um crescimento nominal de “apenas” 95% na comparação do ano de 2011 com 2000, as exportações para todos os demais países apresentaram expressivos níveis de crescimento.

11 – PAÍSES DE DESTINO DAS EXPORTAÇÕES, EM PERCENTUAL

O quadro adiante mostra a evolução da participação dos principais países de destino das exportações brasileiras, computados os produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados.

PAÍSES	PAÍSES DE DESTINO DAS EXPORTAÇÕES - %											
	1990	2000	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
China	1,2	2,0	4,2	6,2	5,6	5,8	6,1	6,7	8,4	13,7	15,2	17,3
EUA	24,2	23,9	25,4	22,8	20,8	19,0	17,8	15,6	13,8	10,2	9,6	10,1
Argentina	2,1	11,3	3,9	6,2	7,6	8,4	8,5	9,0	8,9	8,4	9,2	8,9
Holanda	7,9	5,1	5,3	5,8	6,1	4,5	4,2	5,5	5,3	5,3	5,1	5,3
Japão	7,5	4,5	3,5	3,2	2,9	2,9	2,8	2,7	3,1	2,8	3,5	3,7
Alemanha	5,9	4,6	4,2	4,3	4,2	4,3	4,1	4,5	4,5	4,0	4,0	3,5
Itália	5,1	3,9	3,0	3,0	3,0	2,7	2,8	2,8	2,4	2,0	2,1	2,1
Chile	1,5	2,3	2,4	2,6	2,6	3,1	2,8	2,7	2,4	1,7	2,1	2,1
Reino Un.	3,0	2,7	2,9	2,6	2,2	2,2	2,1	2,1	1,9	2,4	2,3	2,0
Coréia Su	1,7	1,1	1,4	1,7	1,5	1,6	1,4	1,3	1,6	1,7	1,9	1,8
Venezuela	0,8	1,4	1,3	0,8	1,5	1,9	2,6	2,9	2,6	2,4	1,9	1,8
Espanha	2,2	1,8	1,8	2,1	2,1	1,8	1,7	2,1	2,0	1,7	1,9	1,8
Rússia	0,7*	0,8	2,1	2,1	1,7	2,5	2,5	2,3	2,4	1,9	2,1	1,7
França	2,9	3,1	2,5	2,4	2,3	2,1	1,9	2,2	2,1	1,9	1,8	1,7
Bélgica	3,1	3,2	3,1	2,5	2,0	1,8	2,2	2,4	2,2	2,1	1,7	1,6
México	1,6	3,1	3,9	3,8	4,1	3,4	3,2	2,7	2,2	1,8	1,8	1,5
Arábia Sd	0,9	0,8	0,9	0,9	0,9	1,0	1,1	0,9	1,3	1,3	1,5	1,4
Índia	0,5	0,4	1,1	0,8	0,7	1,0	0,7	0,6	0,6	2,2	1,7	1,3
Paraguai	1,2	1,5	0,9	1,0	0,9	0,8	0,9	1,0	1,3	1,1	1,3	1,2
Colômbia	0,5	0,9	1,1	1,0	1,1	1,2	1,6	1,5	1,2	1,2	1,1	1,0
Egito	0,6	0,4	0,6	0,6	0,7	0,7	1,0	0,8	0,7	0,9	1,0	1,0
Uruguai	0,9	1,2	0,7	0,6	0,7	0,7	0,7	0,8	0,8	0,9	0,8	0,9
Peru	0,5	0,6	0,7	0,7	0,7	0,8	1,1	1,0	1,2	1,0	1,0	0,9
África Sul	0,5	0,6	0,8	1,0	1,1	1,2	1,1	1,1	0,9	0,8	0,7	0,7
Bolívia	0,6	0,7	0,7	0,5	0,6	0,5	0,5	0,5	0,6	0,6	0,6	0,6
Nigéria	0,6	0,5	0,8	0,6	0,5	0,8	1,0	0,9	0,8	0,7	0,4	0,5
Angola	0,3	0,2	0,3	0,3	0,4	0,4	0,6	0,8	1,0	0,9	0,5	0,4

Fonte: OMC

Elaboração: AEB

*URSS

Chama a atenção nestes dados a contínua, rápida e expressiva escalada de posições da China, que no ano 2000 participava com apenas 2% das vendas externas brasileiras, em 2009 atingiu 13,7% e desbancou os EUA da liderança mundial quase eterna e em 2011 alcançou participação de 17,3% como destino das exportações brasileiras, com 85% dessas exportações concentradas em commodities.

Situação inversa ocorreu com os Estados Unidos, que depois de alcançar a elevada participação de 25,4% em 2002, iniciou um processo de queda livre até atingir 9,6% em 2010 e recuperar-se levemente em 2011, para situar-se em 10,1%.

A Argentina, que nos anos 90 tinha uma pequena participação nas exportações brasileiras, com o advento do Mercosul conheceu forte crescimento e teve sua atual expressiva participação estabilizada em níveis ao redor de 9%, e o que é mais importante, com os produtos manufaturados representando cerca de 90% das exportações.

Os demais países tiveram oscilações consideradas normais, especialmente numa década em que as commodities tiveram forte elevação em suas cotações e quantidades, provocando alterações nos índices de participação das exportações, variando conforme as características dos produtos de importação de cada país.

12 - PAÍSES DE ORIGEM DAS IMPORTAÇÕES, EM VALOR

Na década passada, as importações brasileiras tiveram significativa expansão, especialmente a partir de 2006, quando passaram a crescer percentualmente mais rápido que as exportações, estimuladas pela forte valorização cambial do Real e pela elevação da demanda doméstica.

Como resultado, no período 2011-2000, as importações totais do Brasil foram ampliadas em 305%, com mais de 80% das compras externas concentradas em produtos manufaturados.

PAÍSES	PAÍSES DE ORIGEM DAS IMPORTAÇÕES - US\$ BILHÕES											
	1990	2000	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
EUA	4,160	12,899	10,287	9,569	11,357	12,666	14,657	18,723	25,627	20,032	27,039	33,962
China	0,168	1,222	1,553	2,147	3,710	5,354	7,990	12,621	20,044	15,911	25,595	32,788
Argentina	1,399	6,843	4,743	4,672	5,569	6,241	8,053	10,404	13,258	11,281	14,434	16,906
Alemanha	1,831	4,427	4,418	4,204	5,071	6,144	6,503	8,669	12,026	9,868	12,553	15,212
Coréia Su	0,086	1,437	1,066	1,078	1,729	2,326	3,106	3,391	5,413	4,818	8,421	10,096
Nigéria	0,061	0,733	1,094	1,521	3,501	2,643	3,918	5,281	6,704	4,760	5,920	8,386
Japão	1,482	2,961	2,347	2,520	2,868	3,405	3,839	4,609	6,807	5,367	6,986	7,871
Itália	0,681	2,167	1,757	1,738	2,049	2,276	2,570	3,347	4,612	3,664	4,838	6,222
Índia	0,016	0,271	0,573	0,485	0,556	1,202	1,473	2,169	3,564	2,191	4,242	6,080
França	0,585	1,880	1,772	1,766	2,288	2,699	2,837	3,524	4,678	3,615	4,800	5,461
México	0,187	0,754	0,580	0,533	0,703	0,843	1,310	1,979	3,125	2,783	3,858	5,130
Chile	0,484	0,968	0,648	0,821	1,398	1,746	2,866	3,462	3,951	2,674	4,175	4,569
Reino Un.	0,431	1,244	1,343	1,206	1,355	1,375	1,417	1,955	2,551	2,408	3,155	3,375
Espanha	0,218	1,119	0,975	0,974	1,175	1,332	1,431	1,843	2,472	1,955	2,773	3,298
Arábia Sd	1,465	0,779	0,815	0,654	0,894	1,232	1,339	1,642	1,708	2,910	1,597	3,093
Rússia	0,114*	0,570	0,427	0,555	0,808	0,722	0,942	1,710	3,332	1,412	1,910	2,944
Bolívia	0,035	0,140	0,395	0,520	0,713	0,989	1,448	1,601	2,857	1,649	2,233	2,863
Holanda	0,280	0,697	0,535	0,508	0,617	0,586	0,785	1,118	1,477	0,972	1,773	2,265
Bélgica	0,127	0,552	0,527	0,504	0,620	0,718	0,957	1,142	1,643	1,154	1,508	1,851
Uruguai	0,580	0,601	0,484	0,537	0,522	0,493	0,618	0,786	1,018	1,240	1,574	1,753
Colômbia	0,028	0,415	0,108	0,098	0,143	0,137	0,247	0,426	0,829	0,567	1,079	1,384
Peru	0,134	0,211	0,217	0,235	0,349	0,459	0,788	1,003	0,956	0,484	0,907	1,376
Venezuela	0,361	1,327	0,633	0,275	0,199	0,255	0,591	0,345	0,538	0,581	0,832	1,269
África Sul	0,080	0,227	0,181	0,202	0,268	0,341	0,434	0,522	0,774	0,433	0,753	0,911
Paraguai	0,331	0,351	0,383	0,474	0,297	0,318	0,295	0,434	0,657	0,585	0,611	0,715
Angola	0,111	0,031	0,011	0,007	0,003	0,000	0,459	0,946	2,236	0,137	0,494	0,438
Egito	0,001	0,035	0,024	0,034	0,033	0,031	0,037	0,052	0,217	0,087	0,108	0,344

Fonte: OMC

Elaboração: AEB

*URSS

Como historicamente sempre ocorreu, os EUA continuam sendo o principal país de origem das importações brasileiras, mas agora com a China acompanhando bem de perto seu desempenho e com reais possibilidades de brevemente realizar a ultrapassagem para se tornar o novo principal fornecedor de produtos ao Brasil.

Embora tenham ocorrido quedas pontuais nas importações anuais provenientes dos EUA, o crescimento de 163% apurado no período 2011-200, mesmo sendo inferior aos 305% de expansão total das importações brasileiras, pode ser considerado bom, pois essa ampliação de 163% é bem superior aos 95% de crescimento verificado das exportações para aquele mercado, no mesmo período.

O expressivo crescimento das importações brasileiras propiciou a muitos países ampliarem significativamente suas vendas ao Brasil no período 2011-2000, com natural destaque para a China, cujos valores aumentaram 2.583%, Índia 2.143%, Bolívia 1.945%, Angola 1.312%, Nigéria 1.044%, Coreia do Sul 602% e México 580%, entre diversos outros países com sólida ampliação.

Essa tendência de crescimento das importações deverá permanecer enquanto perdurarem favoráveis condições internas, representadas pelo Real valorizado, ampliação da demanda doméstica, expansão do crédito interno, manutenção de elevado nível de emprego, aumento real de salários e inflação em níveis civilizados.

13 – PAÍSES DE ORIGEM DAS IMPORTAÇÕES, EM PERCENTUAL

Os dados constantes da tabela adiante, mostram a evolução da importações brasileiras, separadas por países de origem.

PAÍSES	PAÍSES DE ORIGEM DAS IMPORTAÇÕES - %											
	1990	2000	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
EUA	20,14	23,10	21,78	19,80	18,07	17,21	16,05	15,52	14,82	15,68	14,89	15,01
China	0,82	2,19	3,29	4,44	5,91	7,28	8,75	10,46	11,59	12,46	14,08	14,49
Argentina	6,77	12,25	10,04	9,67	8,86	8,48	8,82	8,63	7,66	8,83	7,94	7,47
Alemanha	8,87	7,93	9,35	8,70	8,07	8,35	7,12	7,19	6,95	7,73	6,91	6,72
Coreia Su	0,42	2,57	2,26	2,23	2,75	3,16	3,40	2,81	3,13	3,77	4,63	4,46
Nigéria	0,30	1,31	2,32	3,15	5,57	3,59	4,29	4,38	3,88	3,73	3,26	3,71
Japão	7,17	5,30	4,97	5,22	4,57	4,63	4,20	3,82	3,94	4,20	3,84	3,48
Itália	3,30	3,88	3,72	3,60	3,26	3,09	2,81	2,78	2,67	2,87	2,66	2,75
Índia	0,08	0,49	1,21	1,01	0,88	1,63	1,61	1,80	2,06	1,72	2,33	2,69
França	2,84	3,37	3,75	3,65	3,64	3,67	3,11	2,92	2,70	2,83	2,64	2,41
México	0,91	1,35	1,23	1,10	1,12	1,15	1,43	1,64	1,81	2,18	2,12	2,27
Chile	2,35	1,73	1,37	1,70	2,23	2,37	3,14	2,87	2,28	2,09	2,30	2,02
Reino Un.	2,09	2,23	2,84	2,50	2,16	1,87	1,55	1,62	1,47	1,89	1,74	1,49
Espanha	1,06	2,00	2,06	2,02	1,87	1,81	1,57	1,53	1,43	1,53	1,53	1,46
Arábia Sd	7,09	1,40	1,47	1,39	1,85	1,96	1,82	1,80	1,42	1,68	1,25	1,37
Rússia	0,56*	1,02	0,91	1,15	1,29	0,98	1,03	1,42	1,93	1,11	1,05	1,30
Bolívia	0,17	0,25	0,84	1,08	1,14	1,34	1,59	1,33	1,65	1,29	1,23	1,27
Holanda	1,36	1,25	1,13	1,05	0,98	0,80	0,86	0,93	0,85	0,76	0,98	1,00
Bélgica	0,61	0,99	1,12	1,04	0,99	0,98	1,05	0,95	0,95	0,90	0,83	0,82
Uruguai	2,81	1,08	1,03	1,11	0,83	0,67	0,68	0,65	0,59	0,97	0,87	0,77
Colômbia	0,14	0,74	0,23	0,20	0,23	0,19	0,27	0,35	0,48	0,44	0,59	0,61
Peru	0,65	0,38	0,46	0,49	0,56	0,62	0,86	0,83	0,55	0,38	0,50	0,61
Venezuela	1,75	2,38	1,34	0,57	0,32	0,35	0,65	0,29	0,31	0,46	0,46	0,56
África Sul	0,39	0,41	0,38	0,42	0,43	0,46	0,48	0,43	0,45	0,34	0,41	0,40
Paraguai	1,60	0,63	0,81	0,98	0,47	0,43	0,32	0,36	0,38	0,46	0,34	0,32
Angola	0,54	0,06	0,02	0,02	0,01	0,00	0,50	0,78	1,29	0,11	0,27	0,19
Egito	0,00	0,06	0,05	0,07	0,05	0,04	0,04	0,04	0,13	0,07	0,09	0,15

Fonte: OMC

Elaboração: AEB

*URSS

Quando se analisa a participação percentual dos países de origem das importações brasileiras, algumas importantes mudanças podem ser constatadas:

- a participação dos EUA nas importações brasileiras tem sido reduzida continuamente ao longo dos últimos, após ter atingido 23,10% em 2000, ter caído para 14,90% em 2010 e ter logrado uma leve recuperação em 2011 para se fixar em 15,01%;
- a China, com agressiva política comercial na exportação de produtos manufaturados, possuía discreta participação de 2,19% em 2000, mas em 2011 já alcançou 14,49%, ficando muito perto de assumir a liderança como principal país fornecedor do Brasil;
- a Argentina, que chegou a ser responsável por 12,25% das importações brasileiras no ano 2000, teve sua participação reduzida continuamente até atingir 7,47% em 2011. Isto ocorreu devido às crises internas e externas em que se envolveu, à decretação de moratória, ao calote no pagamento da dívida externa e ao fechamento do mercado financeiro internacional, cujo resultado foi a contração de seu parque fabril;
- a Coreia do Sul, graças à exportação de veículos automotores, ampliou sua participação nas importações brasileiras, passando de 2,57% no ano para 4,46% em 2011;
- a Nigéria, fornecedora de petróleo, elevou sua participação nas importações de 1,31% no ano 2000 para os 3,71% alcançados em 2011;
- em contrapartida, a Venezuela, também fornecedora de petróleo, reduziu sua participação nas importações de 2,38% no ano 2000 para os atuais 0,56% em 2011;
- a Índia teve expressivo crescimento na participação das importações brasileiras, ao passar de 0,49% no ano 2000 para os 2,69% obtidos em 2011.

Avaliando-se os dados deste quadro, verifica-se que a maioria dos países classificados como desenvolvidos reduziram suas participações nas importações brasileiras, perdendo espaços para os chamados países emergentes, com destaque absoluto para a China, além da Coreia do Sul e Índia.

14 – MAIORES SUPERÁVITS COMERCIAIS DO BRASIL

O boom ocorrido nas cotações e quantidades das commodities, a partir do ano 2000, fez com que o Brasil passasse a apresentar superávits comerciais com a maioria dos países, em substituição a déficits localizados anteriormente apurados com alguns países, os quais estão representados pelos números marcados em vermelho no quadro adiante.

PAÍSES	MAIORES SUPERÁVITS COMERCIAIS DO BRASIL – US\$ BILHÕES														
	1990	1995	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	
China	0,213	0,162	0,136	0,573	0,966	2,385	1,731	1,480	0,411	1,872	3,521	5,092	5,150	11,526	
Holanda	2,213	2,314	2,098	2,330	2,648	3,738	5,301	4,698	4,962	7,724	9,005	7,177	8,454	11,374	
Argentina	0,754	1,550	0605	1,196	2,397	0,102	1,821	3,689	3,686	4,012	4,347	1,503	4,087	5,803	
Venezuela	0,094	0,342	0,574	0,348	0,165	0,333	1,270	1,968	2,973	4,378	4,611	3,028	3,021	3,322	
Santa Lúcia	-	0,001	0,050	0,175	0,243	0,001	0,007	0,003	0,003	1,034	3,576	2,434	2,743	2,943	
Irã	0,508	0,020	0,282	0,438	0,482	0,855	1,130	0,965	1,537	1,826	1,118	1,199	1,997	2,297	
Egito	0,173	0,346	0,203	0,377	0,361	0,427	0,590	0,837	1,311	1,185	1,190	1,356	1,798	2,279	
Paraguai	0,048	0,786	0,481	0,421	0,176	0,234	0,575	0,643	0,937	1,214	1,830	1,098	1,936	2,252	
Bélgica	0,859	0,767	1,233	1,192	1,361	1,287	1,301	1,425	2,038	2,744	2,778	1,983	1,968	2,108	
Cingapura	0,230	0,076	0,048	0,096	0,157	0,076	0,146	0,029	0,243	0,170	0,362	0,639	0,460	1,959	
Reino Un.	0,513	0,336	0,254	0,461	0,426	0,695	0,766	1,221	1,412	1,345	1,240	1,315	1,472	1,826	
Emirad.Ar.	0,028	0,081	0,164	0,335	0,561	0,532	0,642	0,651	0,698	0,876	0,730	1,661	1,677	1,690	
Japão	0,866	0,199	0,486	1,073	0,244	0,204	0,094	0,077	0,054	0,287	0,692	1,098	0,154	1,601	
Espanha	0,485	0,059	0,114	0,194	0,130	0,563	0,803	0,824	0,848	1,561	1,573	0,681	1,093	1,376	
Rússia	0,093	0,159	0,147	0,638	0,824	0,945	0,850	2,195	2,500	2,031	1,320	1,456	2,241	1,272	
Portugal	0,176	0,240	0,209	0,309	0,414	0,487	0,776	0,789	1,155	1,463	1,108	0,842	0,927	1,219	
Colômbia	0,133	0,354	0,100	0,418	0,530	0,653	0,900	1,274	1,891	1,911	1,465	1,233	1,116	1,193	
Hong Kong	0,192	0,038	0,117	0,121	0,231	0,444	0,431	0,503	0,367	0,736	1,025	1,335	0,922	1,176	
Peru	0,011	0,224	0,142	0,057	0,220	0,256	0,286	0,479	0,721	0,644	1,342	1,004	1,112	0,886	
Chile	0,001	0,116	0,279	0,511	0,816	1,065	1,157	1,877	1,047	0,802	0,840	0,017	0,076	0,848	
Equador	0,119	0,161	0,114	0,193	0,374	0,337	0,412	0,556	0,847	0,631	0,835	0,596	0,921	0,838	
Omã	0,040	0,015	0,015	0,028	0,030	0,044	0,041	0,053	0,059	0,088	0,133	0,113	0,139	0,789	



África Sul	0,085	0,076	0,074	0,138	0,296	0,531	0,769	1,029	1,027	1,235	0,980	0,826	0,556	0,768
Bangladesh	0,010	0,085	0,034	0,049	0,034	0,072	0,191	0,142	0,263	0,206	0,157	0,528	0,449	0,720
Bahrein	0,016	0,052	0,058	0,051	0,068	0,070	0,103	0,137	0,104	0,112	0,375	0,247	0,566	0,675
Angola	0,028	0,018	0,074	0,032	0,187	0,227	0,353	0,521	0,378	0,271	0,261	1,195	0,452	0,635
Turquia	0,133	0,165	0,237	0,078	0,141	0,279	0,377	0,451	0,444	0,483	0,478	0,210	0,377	0,542
Antil.Holan.	0,001	0,055	0,063	0,197	0,026	0,031	0,068	0,073	0,293	0,822	0,692	0,960	0,877	0,510
Cuba	0,017	0,006	0,073	0,101	0,059	0,047	0,086	0,206	0,312	0,235	0,481	0,223	0,341	0,458
Uruguai	0,285	0,074	0,067	0,140	0,072	0,132	0,147	0,359	0,394	0,502	0,625	0,119	0,043	0,421
Trinidad Tb	0,030	0,035	0,048	0,083	0,119	0,178	0,489	0,595	0,446	0,577	0,465	0,139	0,143	0,406
Il. Cayman	0,017	0,052	0,093	0,120	0,184	0,055	0,084	0,014	0,155	0,117	0,328	0,025	0,375	0,406
Rep.Domin	0,016	0,062	0,129	0,130	0,207	0,225	0,266	0,330	0,361	0,446	0,361	0,271	0,386	0,402
Arábia Sd.	1,176	0,840	0,365	0,246	0,096	0,221	0,405	0,135	0,155	0,230	0,346	0,355	1,039	0,383

Fonte: **MDIC/SECEX**

Elaboração: **AEB**

Exceção feita aos países da América do Sul e alguns da África, importadores de produtos manufaturados, praticamente a totalidade dos demais países são compradores de commodities.

O crescente superávit comercial obtido pelo Brasil com a China nos últimos anos, decorre do fato de este país ser nosso maior importador de commodities minerais, metálicas e alimentícias, situação que pode sofrer mudança, caso ocorra queda em suas cotações ou na demanda internacional.

Situação pouco diferente se observa no superávit com a Holanda, onde as commodities também têm efetiva participação nas exportações para este país, mas em escala bem menor que a verificada na China.

No que tange à Argentina, o crescimento das exportações de commodities, diretamente, não é a justificativa para o aumento do superávit comercial, mas tem influência indireta, pois a elevação de suas cotações proporciona a geração de maior receita cambial para a Argentina, permitindo a ampliação de sua capacidade de importar e viabilizando a exportação de produtos manufaturados pelo Brasil.

Mesma justificativa se aplica a todos os demais países da América do Sul e com os quais o Brasil possui superávit comercial, sendo a única exceção a Bolívia, cujo déficit decorre da importação de gás pelo Brasil.

Os superávits obtidos com Santa Lúcia e Antilhas Holandesas devem-se exclusivamente, e respectivamente, a exportações de petróleo em bruto e derivados a estes países, sem contrapartida na importação.

Considerando-se que as exportações brasileiras estão fortemente amparadas em commodities, eventual queda em suas cotações ou na demanda internacional poderá ter reflexo nos superávits gerados pelo Brasil, especialmente se as importações mantiverem o ritmo verificado em 2011, ou, pior ainda, se apresentarem crescimento.

Merece ser ressaltado que, apesar de a balança comercial brasileira ter grande dependência das commodities, excetuando-se China e Holanda com elevados volumes, os superávits brasileiros estão diversificados entre ampla gama de países, o que pode ser considerado um fator positivo.

15 – MAIORES DÉFICITS COMERCIAIS DO BRASIL

Embora o último déficit comercial do Brasil tenha sido verificado no longínquo ano de 2000, nos recentes últimos anos tem sido observado uma inversão de sinais comerciais com alguns países, decorrente do aumento das importações brasileiras, provocado principalmente pela forte valorização do Real a partir de 2007, e que tem gerado desestímulos pontuais para a produção no mercado doméstico.

A situação descrita pode ser observada em países como Estados Unidos, México, Itália, Canadá, Marrocos, Indonésia e Costa Rica, nações com as quais até recentemente o Brasil apresentava superávits comerciais, mas que passaram a produzir déficits.

Os números marcados em azul identificam os valores e os anos em que o Brasil obteve superávit comercial com determinado país, mas com os dados de 2011 apresentando déficit, base para a presente listagem.

PAÍSES	MAIORES DÉFICITS COMERCIAIS DO BRASIL – US\$ BILHÕES													
	1990	1995	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
EUA	3,433	1,836	0,290	1,303	5,090	7,158	8,742	9,873	9,867	6,341	1,795	4,430	7,737	8,157
Nigéria	0,118	0,040	0,486	0,959	0,586	1,051	2,995	1,689	2,544	3,768	5,168	3,694	5,057	7,194
Alemanha	0,070	2,636	1,901	2,321	1,879	1,063	1,025	1,112	0,812	1,457	3,175	3,693	4,415	6,173
Coréia Sul	0,456	0,507	0,856	0,837	0,214	0,144	0,300	0,430	1,143	1,344	2,279	2,160	4,661	5,403
Índia	0,151	0,152	0,053	0,257	0,080	0,067	0,096	0,064	0,535	1,211	2,461	1,223	0,750	2,880
Argélia	0,176	0,138	1,467	1,053	0,912	0,969	1,595	2,446	1,513	1,735	1,868	0,667	1,522	1,643
Suécia	0,076	0,395	0,525	0,635	0,391	0,344	0,315	0,365	0,453	0,714	1,037	0,793	1,365	1,623
Belarus	-	0,014	0,057	0,052	0,065	0,084	0,215	0,197	0,206	0,349	1,212	0,494	0,653	1,460
Bolívia	0,146	0,501	0,224	0,078	0,026	0,158	0,172	0,404	0,746	0,750	1,722	0,730	1,070	1,351
Taiwan	0,338	0,310	0,472	0,423	0,256	0,043	0,148	0,496	0,989	1,469	2,062	1,451	1,367	1,207
Suíça	0,135	0,328	0,317	0,585	0,442	0,608	0,724	0,677	0,472	1,077	0,914	0,945	1,388	1,186
México	0,317	0,322	0,958	1,175	1,765	2,214	3,254	3,230	3,147	2,281	1,155	0,107	0,143	1,170
Austrália	0,110	0,067	0,043	0,017	0,041	0,012	0,003	0,164	0,225	0,161	0,023	0,351	0,766	1,153
França	0,316	0,343	0,149	0,431	0,246	0,048	0,095	0,192	0,168	0,052	0,552	0,710	1,224	1,142
Áustria	0,021	0,149	0,168	0,240	0,207	0,209	0,222	0,237	0,322	0,573	0,653	0,782	1,136	1,052
Itália	0,933	1,158	0,020	0,376	0,060	0,471	0,859	0,952	1,265	1,115	0,152	0,648	0,602	0,781
Malásia	0,148	0,086	0,345	0,179	0,075	0,218	0,232	0,230	0,253	0,600	0,759	0,415	0,547	0,668
Tailândia	0,236	0,249	0,007	0,003	0,163	0,155	0,207	0,366	0,004	0,037	0,145	0,138	0,352	0,581
Guiné Eqt.	0,001	0,001	0,009	0,009	0,001	0,002	0,010	0,283	0,082	0,174	0,327	0,212	0,462	0,520
Iraque	0,767	-	0,201	0,019	0,232	0,237	0,414	0,472	0,423	0,181	1,079	0,468	0,450	0,497
RepTcheca	-	0,032	0,005	0,012	0,019	0,001	0,029	0,158	0,188	0,214	0,311	0,287	0,424	0,484
Canadá	0,086	0,667	0,520	0,370	0,043	0,229	0,335	0,928	1,086	0,653	1,344	0,110	0,393	0,423
Israel	0,056	0,073	0,282	0,276	0,225	0,130	0,287	0,205	0,201	0,320	0,822	0,381	0,673	0,405
Marrocos	0,071	0,126	0,055	0,091	0,088	0,024	0,107	0,102	0,060	0,094	0,633	0,198	0,039	0,384
Irlanda	0,020	0,061	0,142	0,077	0,092	0,058	0,079	0,055	0,016	0,078	0,117	0,216	0,397	0,341
Dinamarca	0,034	0,032	0,060	0,066	0,081	0,077	0,059	0,085	0,047	0,077	0,136	0,093	0,176	0,324
Ucrânia	-	0,018	0,023	0,024	0,012	0,069	0,022	0,077	0,069	0,104	0,245	0,085	0,049	0,240
Indonésia	0,148	0,147	0,030	0,021	0,061	0,004	0,013	0,042	0,168	0,200	0,033	0,163	0,145	0,201
Costa Rica	0,045	0,077	0,090	0,063	0,127	0,162	0,280	0,323	0,312	0,326	0,391	0,040	0,098	0,137

Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: AEB

Exemplo marcante de reversão da balança comercial são os EUA, que após proporcionar expressivos superávits comerciais até 2008, o Brasil passou a gerar expressivos montantes de déficit, os quais se aproximam dos mais elevados níveis de superávits já alcançados, indiretamente anulando os ganhos comerciais obtidos.

Na hipótese de eventual queda nas cotações e/ou demanda internacional das commodities, a tendência será a elevação dos atuais déficits comerciais, considerando-se a redução dos valores de exportações e a manutenção dos montantes de importação, cenário que não pode ser descartado, em vista do ambiente de crise vivido pela Europa, e que pode se materializar a qualquer momento.

O quadro também mostra que, nas Américas, o Brasil apresenta déficit comercial apenas com EUA, Canadá, México, Costa Rica e Bolívia, sinalizando que nosso nível de competitividade nesta região é maior que em mercados da Europa, Ásia e até mesmo na África.

16 – PARTICIPAÇÃO DOS MANUFATURADOS NAS EXPORTAÇÕES, POR PAÍS

Este item tem como objetivo identificar e quantificar a participação percentual de produtos manufaturados nas exportações brasileiras para determinado país.

Para evitar eventual divergência de interpretação, deve ser esclarecido que os dados aqui apresentados representam a participação, em termos percentuais, dos produtos manufaturados na exportação para cada país, independente de o valor das exportações para o país ser grande ou pequeno.

PAÍSES	PARTICIPAÇÃO DE MANUFATURADOS NAS EXPORTAÇÕES POR PAÍS - %													
	1990	1995	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Bolívia	98,9	97,9	89,8	90,4	89,1	88,4	90,7	92,8	91,1	92,7	95,2	96,1	97,0	95,6
Paraguai	99,2	97,9	95,2	96,7	96,1	96,6	96,0	93,1	95,7	95,2	94,7	92,3	93,4	92,3
Argentina	73,8	87,0	91,7	89,7	85,4	89,4	91,3	92,0	91,8	93,0	90,7	94,8	90,9	89,9
Uruguai	85,7	85,7	83,1	80,2	79,4	80,0	82,2	86,8	86,1	88,1	90,4	89,3	88,0	86,7
Colômbia	90,7	92,3	93,2	93,2	93,4	93,5	89,5	88,7	87,9	91,2	88,0	83,7	86,0	86,3
México	90,3	84,9	87,9	90,2	90,7	91,0	88,1	88,2	87,6	87,3	84,0	89,2	87,5	83,7
Peru	96,5	97,7	96,0	93,7	96,1	90,6	88,1	82,8	72,0	78,7	80,0	74,9	83,4	81,9
África Sul	71,7	78,8	79,8	81,6	77,2	76,4	73,1	78,6	78,7	79,9	82,4	74,7	68,8	68,0
Angola	73,5	55,0	74,5	82,4	82,9	82,1	84,0	86,4	90,8	88,3	88,6	82,3	74,8	67,4
Venezuela	71,2	81,4	90,4	94,3	93,7	92,1	88,6	89,6	87,3	82,9	69,3	66,4	52,4	55,1
Bélgica	39,9	47,9	35,2	36,3	40,2	45,8	41,4	46,8	43,7	47,7	44,2	42,3	46,9	52,8
Chile	95,4	92,8	90,4	81,6	80,5	76,5	76,0	79,1	67,6	64,0	65,2	76,1	68,5	52,7
Nigéria	93,9	92,2	90,2	91,8	90,2	86,1	79,0	75,2	76,2	83,3	79,3	63,9	60,4	45,8
EUA	75,7	67,2	72,4	77,4	75,5	77,2	73,3	71,2	67,9	63,1	58,7	59,8	51,6	45,3
Holanda	38,0	31,7	28,8	25,6	27,0	26,5	39,5	22,9	30,9	33,4	36,1	43,3	38,3	34,8
Alemanha	45,7	49,9	39,8	35,5	38,3	38,4	40,9	50,2	49,0	48,6	45,1	48,0	37,8	34,2
Reino Un.	59,9	63,8	62,1	53,7	53,3	53,4	60,9	59,3	61,2	58,4	50,7	38,7	39,4	32,7
França	33,6	40,5	42,5	31,7	29,4	28,4	29,1	32,5	39,6	39,5	36,0	40,4	32,2	27,7
Espanha	19,5	20,8	26,4	23,3	32,1	30,1	31,2	37,2	38,3	31,1	24,4	24,8	33,1	23,3
Itália	48,8	36,4	44,0	33,0	34,7	34,9	36,6	33,3	34,2	30,1	26,6	32,9	24,1	22,4
Índia	70,7	32,6	50,2	34,7	15,6	23,0	39,9	46,3	40,4	32,8	38,2	22,7	21,0	14,8
Arábia Sd	51,6	25,8	13,8	16,5	26,0	17,0	20,2	29,7	41,5	33,7	25,3	17,5	15,2	14,1
Japão	19,6	22,8	21,8	18,9	22,4	33,1	17,2	16,3	15,2	17,4	12,7	19,4	12,3	11,6
Coréia Su	36,8	29,6	18,6	12,0	21,2	24,1	22,9	17,0	16,3	12,9	9,0	13,7	12,3	11,4
Egito	41,4	28,2	52,7	34,0	33,9	42,2	27,4	26,2	24,8	35,4	29,7	30,8	15,0	10,0
Rússia	28,4*	48,3	15,4	7,9	7,3	9,9	12,7	12,4	12,8	13,3	13,5	6,5	5,2	7,1
China	31,5	26,8	18,8	24,4	20,6	25,9	17,7	16,7	10,5	8,1	6,6	6,8	4,5	4,6

Fonte: OMC

Elaboração: AEB

*URSS

Avaliando-se os dados constantes do quadro, exclusivamente sob o aspecto percentual, os países que em sua pauta de importação mais adquirem produtos manufaturados do Brasil estão localizados na América do Sul, sendo a Bolívia, com 95,6% em 2011, o maior país importador, seguido pelo Paraguai, Argentina, Uruguai, Colômbia, México e Peru.

No lado oposto, ou seja, os países que menos importam produtos manufaturados brasileiros, em termos percentuais, a China ocupa a “liderança negativa”, com irrisórios 4,6% de participação, seguido pela Rússia, Egito, Coréia do Sul e Japão.

Merece ser registrado que, em 2003, as exportações de produtos manufaturados para a China representavam 25,9%, ano a partir do qual passaram a cair continuamente.

Analisando-se os países de destino das exportações de manufaturados, em termos percentuais, verifica-se que a localização geográfica, ou seja, o maior ou menor custo de logística, parece exercer influência na competitividade do produto manufaturado brasileiro exportado, pois os maiores

países importadores estão situados próximos do Brasil, enquanto os menores importadores estão distantes.

Os países africanos, especificamente África do Sul e Angola, tem reduzido as importações de produtos manufaturados do Brasil ao longo dos últimos anos, a despeito das campanhas promocionais promovidas naquele continente, mas ainda assim mantêm elevados níveis de participação, que em 2011 oscilaram ao redor de 67%. O mesmo não se pode dizer da Nigéria, que reduziu de 90% para 45% a participação de manufaturados nas exportações para aquele país.

Também merece ser destacada a performance dos EUA, país que sempre foi considerado um dos principais destinos das exportações de manufaturados brasileiros, e que no início da década passada detinha índice de participação superior a 70%, mas que em 2011 foi reduzido a 45%, constituindo expressiva forte perda em curto espaço de tempo, devido à alteração na pauta de exportação.

17 - PARTICIPAÇÃO DOS PRODUTOS BÁSICOS NAS EXPORTAÇÕES, POR PAÍS

Todos têm conhecimento que o Brasil é grande exportador de produtos básicos, tanto em termos percentuais como em valores.

Nesse sentido, o objetivo do quadro adiante é identificar e quantificar, em termos percentuais, qual o nível de participação dos produtos básicos na pauta de exportação para determinados países, ainda que o país tenha o mesmo desempenho, em termos de valor.

PAÍSES	PARTICIPAÇÃO DE PRODUTOS BÁSICOS NAS EXPORTAÇÕES POR PAÍS - %													
	1990	1995	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
China	19,4	15,9	68,1	60,7	61,5	50,0	59,4	68,4	73,9	73,8	77,7	77,7	83,7	85,0
Japão	41,2	34,8	39,5	52,8	49,0	48,6	52,6	58,0	54,5	54,5	64,8	59,7	71,1	74,7
Índia	7,2	13,5	12,4	19,3	55,6	50,3	15,6	11,7	39,9	36,7	33,6	32,7	49,9	72,8
Arábia Sd	48,1	65,0	76,3	75,4	67,9	74,0	70,2	63,4	48,5	60,0	64,1	73,1	69,9	71,3
Espanha	70,6	67,0	62,9	66,5	56,7	58,7	56,4	52,0	49,5	58,0	60,5	62,9	57,4	67,5
Coréia Su	33,1	28,7	42,4	54,1	47,4	51,7	52,7	55,5	61,3	57,9	53,0	58,0	60,0	66,5
França	61,5	44,1	42,7	57,6	61,0	63,5	62,8	59,9	52,5	51,5	56,3	51,6	57,8	61,1
Alemanha	46,9	42,0	50,7	57,5	55,2	57,0	55,3	45,1	44,6	44,3	48,5	47,6	57,6	54,8
Itália	39,8	43,0	33,0	43,1	38,5	41,2	41,7	45,9	40,9	42,4	44,6	43,1	46,0	53,6
Egito	30,5	17,9	36,8	45,0	38,1	43,9	50,7	56,8	51,7	49,8	45,3	52,3	59,4	50,0
Rússia	22,1*	0,2	15,9	29,2	53,1	44,4	56,8	61,3	50,5	58,5	61,0	63,1	56,5	49,0
Holanda	38,8	55,0	53,5	59,2	59,6	56,2	47,8	58,5	45,1	44,2	41,7	44,8	44,2	48,0
Chile	2,7	2,7	7,8	16,3	17,1	21,8	22,1	19,3	30,6	34,0	32,7	22,3	29,9	45,9
Reino Un.	25,8	19,6	26,1	32,1	32,6	37,3	33,5	34,3	33,8	35,2	36,2	40,1	35,8	38,3
Bélgica	40,4	25,8	27,7	35,0	32,3	31,7	32,0	32,1	30,2	31,7	36,2	40,4	40,7	36,0
EUA	10,8	10,1	7,1	5,8	7,4	8,6	8,3	9,2	14,4	19,4	22,8	26,1	31,1	33,8
Angola	24,1	5,0	18,9	16,2	15,6	14,9	13,4	10,9	8,7	10,3	10,9	16,5	24,3	32,8
Venezuela	18,7	6,5	4,9	3,0	3,6	3,5	8,1	6,5	6,7	12,2	27,0	26,6	35,5	31,5
África Sul	18,1	5,8	11,3	12,7	16,3	15,7	21,9	18,3	15,0	15,3	12,7	21,9	25,4	25,7
Nigéria	1,7	0,4	2,4	1,7	1,6	1,1	1,6	1,6	1,2	1,3	2,5	6,1	7,8	18,3
Peru	0,7	0,5	1,7	3,8	2,1	7,3	9,3	14,2	25,0	19,1	18,1	19,7	11,3	13,8
Uruguai	9,9	10,5	9,9	8,9	9,7	10,1	10,6	6,9	6,6	6,4	6,0	7,9	8,5	9,4
Colômbia	0,6	1,5	2,9	3,5	3,0	3,2	6,3	2,3	2,6	2,1	5,1	11,0	9,2	8,3
Argentina	21,9	7,6	5,6	7,3	9,4	7,2	4,6	4,6	4,6	3,9	4,9	3,1	6,3	7,6
Paraguai	0,3	1,3	4,0	2,1	2,9	2,3	2,9	3,0	3,6	4,2	4,7	6,5	5,4	5,9
México	5,1	8,3	6,9	5,8	4,0	4,4	6,2	3,7	3,7	3,4	4,6	3,3	3,3	5,0
Bolívia	0,6	1,3	9,6	9,0	10,4	11,0	8,9	6,5	8,3	6,9	4,4	3,2	2,4	3,2

Fonte: OMC

Elaboração: AEB

*URSS

As exportações para a China em 2011 foram constituídas por 85% de produtos básicos, que desde o ano 2005 assumiu a liderança como principal país importador de produtos básicos, superando a Arábia Saudita, que foi o maior importador entre os anos 2000 e 2004, enquanto no período de 1990 a 1999, a Espanha foi a maior compradora de produtos básicos, sempre em termos percentuais.

Nos recentes últimos anos, a Índia tem demonstrado força comercial na importação de commodities, com sua pauta de importação registrando elevado índice de 72,8% de produtos básicos, em comparação à sua participação de apenas 12,4% no ano 2000.

Ocupando as “últimas” posições como destino das exportações de produtos básicos, que para o Brasil significa as primeiras colocações, pois indica que o país é importador de produtos manufaturados, encontram-se nações sul americanas, exatamente os principais países importadoras de manufaturados.

Um aspecto que chama a atenção neste quadro é o desempenho do Chile, que passou de uma pequena participação de 7,8% na exportação de produtos básicos no ano 2000 para alcançar 45,9% em 2011, indicando perda de mercado externo para os produtos manufaturados brasileiros.

A avaliação dos dados também mostra que, excluindo-se a Arábia Saudita, os principais países importadores de produtos básicos brasileiros exportam predominantemente manufaturados, que, possivelmente, se transformam em nossos concorrentes no mercado internacional.

18 – DESTINO, VALOR E PARTICIPAÇÃO DE PAÍSES NA EXPORTAÇÃO DE MANUFATURADOS

Considerando-se exclusivamente os dados relativos aos produtos classificados e registrados como manufaturados nas estatísticas de exportação do MDIC / SECEX, o quadro adiante mostra os países de destino, o valor das exportações de manufaturados para cada país e a participação percentual dos manufaturados em cada país em relação às exportações totais do Brasil.

PAÍSES DE DESTINO	DESTINO, VALOR E PARTICIPAÇÃO DE PAÍSES NA EXPORTAÇÃO DE MANUFATURADOS											
	2002		2004		2006		2008		2010		2011	
	US\$ Bi	Part. %	US\$ Bi	Part. %	US\$ Bi	Part. %	US\$ Bi	Part. %	US\$ bi	Part. %	US\$ Bi	Part. %
Argentina	2,004	3,31	6,748	6,98	10,779	7,82	16,159	8,16	16,836	8,34	20,411	7,97
E U A	11,610	19,21	14,723	15,23	16,656	12,09	16,109	8,14	9,973	4,94	11,685	4,56
Holanda	0,859	1,42	2,336	2,42	1,777	1,29	3,782	1,91	3,917	1,94	4,752	1,86
México	2,126	3,52	3,487	3,61	3,907	2,83	3,594	1,82	3,252	1,61	3,313	1,29
Alemanha	0,973	1,61	1,654	1,71	2,790	2,02	3,988	2,01	3,076	1,52	3,092	1,21
Chile	1,179	1,95	1,942	2,01	2,647	1,92	3,122	1,58	2,919	1,45	2,855	1,12
Paraguai	0,538	0,89	0,838	0,87	1,181	0,86	2,356	1,19	2,380	1,18	2,740	1,07
Venezuela	0,748	1,24	1,301	1,35	3,114	2,26	3,568	1,80	2,019	1,00	2,530	0,99
Colômbia	0,597	0,99	0,934	0,97	1,188	0,86	2,021	1,02	1,888	0,93	2,225	0,87
Bélgica	0,759	1,26	0,795	0,82	1,309	0,95	1,956	0,99	1,630	0,81	2,091	0,82
China	0,520	0,86	0,966	1,00	0,879	0,64	1,095	0,55	1,394	0,69	2,031	0,79
Uruguai	0,327	0,54	0,551	0,57	0,871	0,63	1,487	0,75	1,347	0,67	1,885	0,74
Peru	0,422	0,70	0,560	0,58	1,087	0,79	1,839	0,93	1,685	0,83	1,852	0,72
Reino Un.	0,944	1,56	1,291	1,33	1,731	1,26	1,923	0,97	1,822	0,90	1,700	0,66
Bolívia	0,377	0,62	0,490	0,51	0,640	0,46	1,080	0,55	1,127	0,56	1,446	0,56
Itália	0,631	1,04	1,066	1,10	1,312	0,95	1,269	0,64	1,021	0,51	1,218	0,48
França	0,449	0,74	0,639	0,66	1,057	0,77	1,485	0,75	1,150	0,57	1,197	0,47
África Sul	0,369	0,61	0,758	0,78	1,151	0,84	1,447	0,73	0,902	0,45	1,133	0,44
Japão	0,471	0,78	0,478	0,49	0,594	0,43	0,775	0,39	0,876	0,43	1,098	0,43
Espanha	0,355	0,59	0,618	0,64	0,873	0,63	0,986	0,50	1,281	0,63	1,089	0,43



Angola	0,165	0,27	0,300	0,31	0,760	0,55	1,749	0,88	0,708	0,35	0,716	0,28
Nigéria	0,459	0,76	0,399	0,41	1,046	0,76	1,218	0,62	0,521	0,26	0,546	0,21
Coréia Sul	0,181	0,30	0,327	0,34	0,321	0,23	0,281	0,14	0,463	0,23	0,535	0,21
Arábia Sd	0,145	0,24	0,167	0,17	0,617	0,45	0,650	0,33	0,472	0,23	0,489	0,19
Índia	0,102	0,17	0,260	0,27	0,379	0,27	0,421	0,21	0,733	0,36	0,476	0,19
Rússia	0,091	0,15	0,211	0,22	0,439	0,32	0,629	0,32	0,217	0,11	0,299	0,12
Egito	0,131	0,22	0,171	0,18	0,335	0,24	0,418	0,21	0,295	0,15	0,263	0,10
Demais	5,536	9,16	9,127	9,43	15,583	11,32	17,276	8,73	15,659	7,75	18,623	7,27
Tt. Manuf	33,068	54,71	53,137	54,96	75,023	54,44	92,683	46,82	79,563	39,40	92,290	36,05
Tt GERAL	60,438	100,0	96,677	100,0	137,807	100,0	197,942	100,0	201,915	100,0	256,041	100,0

Fonte: **MDIC/SECEX**

Elaboração: **AEB**

Os dados apresentados permitem uma série de deduções e afirmações, além de criar condições para elaborar um conjunto de análises sob diferentes prismas, conforme listadas a seguir:

- o mercado dos Estados Unidos sempre foi o principal destino das exportações de produtos manufaturados brasileiros, mas a decisão política tomada na década passada de relegar a segundo plano o maior mercado importador do mundo, sem realizar uma única missão ou promoção comercial governamental naquele mercado, e ainda a dificuldade adicional gerada pela valorização do Real, provocou queda em valor nas exportações brasileiras de manufaturados e também expressiva redução de 75% na participação percentual;
- como resultado, em 2011, o valor das exportações de manufaturados para os Estados Unidos foi, em termos nominais, apenas 0,6% maior que o valor de 2002, apesar de nesse período o total das exportações brasileiras ter crescido 323% e de manufaturados 179%;
- registre-se que, os Estados Unidos sempre foram considerados um mercado tipicamente importador de produtos manufaturados, sendo que em 2002, dos 10 principais produtos exportados pelo Brasil, 7 eram manufaturados e 3 commodities. Atualmente, ocorreu uma completa inversão e queda de qualidade na pauta de exportação, pois 7 são commodities e 3 manufaturados;
- a Argentina, apesar de seus problemas internos, mostrou nos últimos anos contínuo crescimento na importação de manufaturados, e, em 2008, pela primeira vez na história, superou os Estados Unidos e assumiu a liderança como principal país de destino das exportações de produtos manufaturados brasileiros;
- os países da América do Sul e o México estão entre os principais países importadores de produtos manufaturados brasileiros, sugerindo que uma campanha promocional, aliada à abertura de linhas de crédito com taxas de juros internacionais para a importação de produtos brasileiros contribuiria para elevar nossas exportações de manufaturados, além de constituir-se em importante ação para enfrentar a concorrência internacional, em especial dos chineses;
- os países africanos, não obstante toda a expectativa que representam por razões culturais e que seriam naturais potenciais importadores de produtos manufaturados brasileiros, não tem apresentado desempenho animador, sinalizando que investimentos naquele continente tem alto custo-benefício, comparativamente à América do Sul e aos Estados Unidos;
- a Holanda aparece como terceiro maior importador de produtos manufaturados brasileiros, devido à sua peculiar situação de atuar como centro de distribuição de mercadorias na Europa;
- os demais países que compõem os BRICS (Rússia, Índia, China e África do Sul), considerados os emergentes mais desenvolvidos, tem participação irrisória nas exportações brasileiras de manufaturados, especialmente a China, o maior importador de produtos brasileiros, mas concentrado na compra de commodities;
- quanto aos demais países incluídos no quadro, de forma geral verifica-se queda nos seus índices percentuais de participação, ainda que seus valores nominais sejam maiores em 2011, quando comparado a 2002.

Cumprе destacar também que, nos últimos anos, o valor nominal das exportações de produtos manufaturados tem apresentado crescimento, situação que pode ser justificada pela expansão das commodities classificadas como manufaturados, pelo aumento das operações realizadas intercompanies ou, ainda que improvável, decorrente de efetiva ampliação de mercados tradicionais ou conquista de novos mercados.

Por fim, deve ser registrado que as recentes medidas anti-importação anunciadas pela Argentina, caso não sejam suspensas, amenizadas ou excluídas de aplicação aos países-membros do Mercosul, certamente provocarão redução nas exportações brasileiras de manufaturados para o principal país de destino destes produtos, com prováveis impactos negativos nos montantes de exportação e na balança comercial.

19 – DESTINO, VALOR E PARTICIPAÇÃO DE PAÍSES NA EXPORTAÇÃO DE BÁSICOS

Sendo o Brasil um dos dois maiores países exportadores de produtos básicos, nada mais natural conhecer o desempenho de seus principais países de destino nos últimos anos.

Na tabela adiante, os valores apresentados em dólares correspondem ao montante de produtos básicos exportados para cada país, enquanto o índice de participação equivale ao percentual que estes produtos representam nas exportações totais do Brasil.

PAÍSES DE DESTINO	DESTINO, VALOR E PARTICIPAÇÃO DE PAÍSES NA EXPORTAÇÃO DE BÁSICOS											
	2002		2004		2006		2008		2010		2011	
	US\$ Bi	Part. %	US\$ Bi	Part. %	US\$ Bi	Part. %	US\$ Bi	Part. %	US\$ bi	Part. %	US\$ Bi	Part. %
China	1,551	2,57	3,232	3,34	6,213	4,51	12,830	6,48	25,755	12,76	37,661	14,71
E U A	1,140	1,89	1,671	1,73	3,535	2,57	6,261	3,16	5,995	2,97	8,724	3,41
Japão	1,030	1,70	1,458	1,51	2,121	1,54	3,959	2,00	5,075	2,51	7,080	2,75
Holanda	1,896	3,14	2,832	2,93	2,590	1,88	4,373	2,21	4,521	2,24	6,553	2,56
Alemanha	1,403	2,32	2,238	2,31	2,538	1,84	4,291	2,17	4,688	2,32	4,951	1,93
Espanha	0,628	1,04	1,116	1,15	1,129	0,82	2,449	1,24	2,218	1,10	3,157	1,23
Coréia Sul	0,404	0,67	0,753	0,78	1,203	0,87	1,660	0,84	2,256	1,12	3,120	1,22
Itália	0,700	1,16	1,212	1,25	1,570	1,14	2,127	1,07	1,949	0,97	2,914	1,14
França	0,930	1,54	1,378	1,43	1,400	1,02	2,321	1,17	2,067	1,03	2,640	1,03
Chile	0,252	0,42	0,586	0,61	1,198	0,87	1,569	0,79	1,274	0,63	2,488	0,97
Arábia Sd	0,379	0,63	0,580	0,60	0,722	0,52	1,644	0,83	2,167	1,07	2,477	0,97
Índia	0,363	0,60	0,102	0,11	0,374	0,27	0,370	0,19	1,742	0,86	2,330	0,91
Rússia	0,665	1,10	0,941	0,97	1,740	1,26	2,841	1,44	2,345	1,16	2,066	0,81
Reino Un.	0,577	0,95	0,710	0,73	0,957	0,69	1,372	0,69	1,658	0,82	1,992	0,78
Argentina	0,221	0,37	0,341	0,35	0,540	0,39	0,859	0,43	1,171	0,58	1,735	0,68
Venezuela	0,029	0,05	0,119	0,12	0,239	0,17	1,393	0,70	1,369	0,68	1,445	0,56
Bélgica	0,610	1,01	0,614	0,64	0,904	0,66	1,601	0,81	1,416	0,70	1,428	0,56
Egito	0,148	0,24	0,317	0,33	0,698	0,51	0,638	0,32	1,170	0,58	1,313	0,51
África Sul	0,078	0,13	0,228	0,24	0,219	0,16	0,223	0,11	0,334	0,17	0,431	0,17
Angola	0,032	0,05	0,048	0,05	0,073	0,05	0,215	0,11	0,230	0,11	0,353	0,14
Peru	0,009	0,01	0,059	0,06	0,379	0,27	0,417	0,21	0,228	0,11	0,313	0,12
Nigéria	0,009	0,01	0,008	0,01	0,017	0,01	0,038	0,02	0,068	0,03	0,219	0,08
México	0,094	0,15	0,247	0,26	0,163	0,12	0,199	0,10	0,123	0,06	0,201	0,08
Colômbia	0,019	0,03	0,066	0,07	0,056	0,04	0,119	0,06	0,201	0,10	0,214	0,08
Uruguai	0,041	0,07	0,072	0,07	0,068	0,05	0,099	0,05	0,131	0,07	0,205	0,08
Paraguai	0,017	0,03	0,026	0,03	0,045	0,03	0,116	0,06	0,138	0,07	0,176	0,07
Bolívia	0,044	0,07	0,048	0,05	0,058	0,04	0,051	0,03	0,028	0,01	0,049	0,02
Demais	3,690	6,11	7,526	7,78	9,531	6,93	18,993	9,59	19,687	9,75	26,282	10,26
Tt.Básicos	16,959	28,06	28,528	29,51	40,280	29,23	73,028	36,89	90,004	44,58	122,457	47,83
Tt GERAL	60,438	100,0	96,677	100,0	137,807	100,0	197,942	100,0	201,915	100,0	256,041	100,0

Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: AEB

Não constitui surpresa para ninguém o fato de a China ser o maior importador mundial de produtos básicos, e também do Brasil, liderança que ocupa desde 2004, ultrapassando a Holanda, que até então ocupava a primeira posição, devido à utilização do Porto de Rotterdam como porta de entrada para a Europa.

Todavia, possivelmente poucos saibam que, em 2011, os produtos básicos importados pela China do Brasil, no valor de US\$37,661 bilhões, foram maiores que o somatório das importações efetuadas pelos sete maiores países importadores que vêm em seguida à China.

Apresentado sob outro prisma, as exportações de produtos básicos para China corresponderam a 31% do total de produtos básicos exportados pelo Brasil em 2011.

Avaliando-se a evolução das importações chinesas de produtos básicos brasileiros, constata-se que sua participação é contínua, crescente e acelerada, pois representava 2,57% em 2002 e em 2011 já atingiu 14,71%., cenário que caminha para configurar dependência comercial.

Neste mesmo quadro pode-se observar que, os principais importadores de produtos básicos são países classificados como desenvolvidos, que os submetem a processos industriais para transformá-los em produtos finais e, possivelmente, concorrerem com produtos manufaturados brasileiros no exterior, e até mesmo no Brasil.

20 - PARTICIPAÇÃO EFETIVA DAS COMMODITIES NAS EXPORTAÇÕES

Os produtos brasileiros exportados são classificados pelo MDIC/SECEX em quatro fatores agregados: básicos, semimanufaturados, manufaturados e operações especiais.

Os básicos, denominados “commodities brutas”, são mercadorias sem beneficiamento industrial, tais como, minérios de ferro, alumínio, manganês e cobre; petróleo bruto; soja em grão e farelo de soja; café em grão; fumo em folhas; carnes bovina, suína e de frango fresca “in natura”; milho em grão; algodão em bruto; frutas; etc. Todos estes produtos são comercializados internacionalmente como commodity, com seus preços de exportação sendo fixados em bolsas de mercadorias ou pelo mercado internacional, sem qualquer ingerência do exportador brasileiro.

Os semimanufaturados, identificados como “commodities beneficiadas”, são produtos submetidos a pequenos processos de beneficiamento industrial no Brasil. Neste grupo estão produtos como açúcar em bruto; celulose; alumínio em bruto, ouro não monetário, ferro gusa, semimanufaturados de ferro e aço; catodos de cobre e de níquel; óleo de soja em bruto; madeira serrada ou em estilhas; borracha sintética e artificial; etc, também comercializados no mercado externo como commodities e com suas cotações sendo definidas em bolsas de mercadorias ou pelo mercado internacional, igualmente sem controle ou influência do exportador brasileiro.

Os manufaturados, como o próprio nome indica, são produtos submetidos a processo de industrialização. Todavia, fazem parte deste grupo mercadorias como açúcar refinado; suco de laranja; óleos combustíveis; gasolina; café solúvel; etanol; alumínio em barras; laminados de ferro ou aço; óxidos e hidróxidos de alumínio; madeira perfilada; compensados; etc, que embora sejam classificadas como manufaturados, são comercializadas como commodities, em que o exportador brasileiro não tem qualquer participação na fixação de seus preços de exportação, os quais são fixados em bolsas de mercadorias ou pelo mercado internacional.

Por fim, as operações especiais são compostas pela reexportação de produtos anteriormente importados, equivalente a 4%, transações especiais, correspondendo a 2%, e consumo de bordo, representando 94%, integrado por fornecimento de combustíveis, lubrificantes e outras mercadorias para uso ou consumo a bordo, exclusivamente em embarcações ou aeronaves em viagens internacionais, em que predominam produtos identificados como commodities.

Nesse sentido, para definir a efetiva participação das commodities nas exportações brasileiras, os seguintes fatores agregados foram assim considerados;

- básicos: pelo seu valor integral;
- semimanufaturados: pelo seu valor integral;
- manufaturados: apenas pelo valor dos produtos comercializados como commodities;
- operações especiais: pelo valor equivalente a 60% de seu total.

Com vistas a identificar a participação, em valor e percentual, das commodities nas exportações brasileiras, os seis sub-itens adiante detalham, ano a ano, o comportamento das commodities no período de 2000 a 2011, mostrando que a participação nas exportações das commodities de 49,19% em 2000 foi subindo gradativamente, até atingir em 2011 o elevado índice de 71,01%, mas que pode ser ainda maior, caso sejam adicionadas mais mercadorias identificadas como commodities e classificadas como produtos manufaturados.

20.1 - PARTICIPAÇÃO EFETIVA DAS COMMODITIES NAS EXPORTAÇÕES, 2011 e 2010

Em 2011, as commodities representaram 71,01% das exportações totais, enquanto em 2010 essa participação era de 68,16%.

ITENS DE EXPORTAÇÃO	2011		2010	
	Valor US\$ Bi	Part. %	Valor US\$ Bi	Part. %
1 – BÁSICOS				
Commodities Brutas	122,457	47,83	90,005	44,58
2 – SEMI-MANUFATURADOS				
Commodities Beneficiadas	36,026	14,07	28,207	13,97
3 – MANUFATURADOS				
3.1 – Commodities Industrializadas	20,196	7,88	16,926	8,38
Açúcar refinado	3,391	1,32	3,454	1,71
Óleos Combustíveis	3,773	1,47	2,577	1,28
Laminados planos ferro e aço	2,009	0,79	1,812	0,90
Suco de laranja	2,376	0,93	1,775	0,88
Óxidos e hidróxidos alumínio	2,224	0,87	1,742	0,86
Papel e cartão	1,255	0,49	1,199	0,59
Etanol	1,491	0,58	1,014	0,50
Fio-máquina e barras ferro/aço	0,942	0,37	0,743	0,37
Café solúvel	0,674	0,26	0,535	0,26
Madeira perfilada / aplainada	0,522	0,20	0,505	0,25
Silício	0,636	0,25	0,459	0,23
Madeira compensada	0,370	0,15	0,418	0,21
Gasolina	0,217	0,08	0,373	0,18
Alumínio em barras, fios, perfis	0,316	0,12	0,320	0,16
3.2 – PRODUTOS MANUFATURADOS	72,094	28,17	62,636	31,02
3.3 – SUB-TOTAL 3.1 + 3.2	92,291	36,05	79,563	39,40
4 – OPERAÇÕES ESPECIAIS*	5,266 / 3,160	2,05 / 1,23	4,140 / 2,484	2,05 / 1,23
5 – TOTAL GERAL	256,040	100,0	201,915	100,00
TOTAL DE COMMODITIES = 1+2+3.1+4	181,839	71,01	137,622	68,16

Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: AEB

*60% Commodities

20.2 - PARTICIPAÇÃO EFETIVA DAS COMMODITIES NAS EXPORTAÇÕES, 2009 e 2008

Em 2009, as commodities representavam 64,93% das exportações totais, enquanto em 2008 essa participação foi de 62,24%.

ITENS DE EXPORTAÇÃO	2009		2008	
	Valor US\$ Bi	Part. %	Valor US\$ Bi	Part. %
1 – BÁSICOS				
Commodities Brutas	61,957	40,50	73,028	36,89
2 – SEMI-MANUFATURADOS				
Commodities Beneficiadas	20,499	13,40	27,073	13,68
3 – MANUFATURADOS				
3.1 – Commodities Industrializadas	14,961	9,78	20,001	10,11
Açúcar refinado	2,399	1,57	1,833	0,93
Óleos Combustíveis	2,006	1,31	2,964	1,50
Laminados planos ferro e aço	1,629	1,07	1,921	0,97
Suco de laranja	1,619	1,06	1,997	1,01
Óxidos e hidróxidos alumínio	1,304	0,85	1,547	0,78
Papel e cartão	0,957	0,63	0,992	0,50
Etanol	1,338	0,87	2,390	1,21
Fio-máquina e barras ferro/aço	0,672	0,44	1,155	0,58
Café solúvel	0,460	0,30	0,566	0,28
Madeira perfilada / aplainada	0,389	0,25	0,558	0,28
Silício	0,347	0,23	0,508	0,26
Madeira compensada	0,343	0,22	0,633	0,32
Gasolina	0,968	0,63	1,653	0,84
Alumínio em barras, fios, perfis	0,338	0,22	0,598	0,30
Óleo de soja refinado	0,192	0,13	0,686	0,35
3.2 – PRODUTOS MANUFATURADOS	52,388	34,24	72,682	36,71
3.3 – SUB-TOTAL 3.1 + 3.2	67,349	44,02	92,683	46,82
4 – OPERAÇÕES ESPECIAIS *	3,188 / 1,913	2,08 / 1,25	5,158 / 3,095	2,61 / 1,56
5 – TOTAL GERAL	152,994	100,00	197,942	100,0
TOTAL DE COMMODITIES = 1+2+3.1+4	99,330	64,93	123,197	62,24

Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: AEB

*60% commodities

20.3 – PARTICIPAÇÃO EFETIVA DAS COMMODITIES NAS EXPORTAÇÕES, 2007 e 2006

Em 2007, as commodities correspondiam a 58,65% das exportações totais, enquanto em 2006 essa participação foi de 57,19%.

ITENS DE EXPORTAÇÃO	2007		2006	
	Valor US\$ Bi	Part. %	Valor US\$ Bi	Part. %
1 – BÁSICOS				
Commodities Brutas	51,596	32,12	40,285	29,23
2 – SEMI-MANUFATURADOS				
Commodities Beneficiadas	21,800	13,57	19,522	14,17



3 – MANUFATURADOS				
3.1 – Commodities Industrializadas	18,834	11,72	17,222	12,49
Açúcar refinado	1,971	1,23	2,231	1,62
Óleos Combustíveis	2,292	1,43	2,251	1,63
Laminados planos ferro e aço	2,532	1,58	2,718	1,97
Suco de laranja	2,252	1,40	1,469	1,07
Óxidos e hidróxidos alumínio	1,294	0,80	1,109	0,80
Papel e cartão	0,853	0,53	0,731	0,53
Etanol	1,477	0,92	1,605	1,16
Fio-máquina e barras ferro/aço	1,012	0,63	1,002	0,73
Café solúvel	0,451	0,28	0,383	0,28
Madeira perfilada / aplainada	0,641	0,40	0,606	0,44
Silício	0,364	0,23	0,277	0,20
Madeira compensada	0,698	0,43	0,652	0,47
Gasolina	1,838	1,14	1,199	0,87
Alumínio em barras, fios, perfis	0,661	0,41	0,590	0,43
Óleo de soja refinado	0,498	0,31	0,399	0,29
3.2 – PRODUTOS MANUFATURADOS	65,109	40,53	57,796	41,95
3.3 – SUB-TOTAL 3.1 + 3.2	83,943	52,25	75,018	54,44
4 – OPERAÇÕES ESPECIAIS *	3,310 / 1,986	2,06 / 1,24	2,982 / 1,789	2,16 / 1,30
5 – TOTAL GERAL	160,649	100,0	137,807	100,00
TOTAL DE COMMODITIES =1+2+3.1+4	94,216	58,65	78,818	57,19

Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: AEB

*60% commodities

20.4 - PARTICIPAÇÃO EFETIVA DAS COMMODITIES NAS EXPORTAÇÕES, 2005 e 2004

Em 2005, as commodities significavam 55,34% das exportações totais, enquanto em 2004 essa participação tinha sido de 55,19%.

ITENS DE EXPORTAÇÃO	2005		2004	
	Valor US\$ Bi	Part. %	Valor US\$ Bi	Part. %
1 – BÁSICOS				
Commodities Brutas	34,721	29,35	28,517	29,56
2 – SEMI-MANUFATURADOS				
Commodities Beneficiadas	15,961	13,49	13,431	13,92
3 – MANUFATURADOS				
3.1 – Commodities Industrializadas	13,296	11,24	10,348	10,73
Açúcar refinado	1,537	1,30	1,129	1,17
Óleos Combustíveis	1,572	1,33	1,199	1,24
Laminados planos ferro e aço	2,383	2,01	2,006	2,08
Suco de laranja	1,110	0,94	1,057	1,09
Óxidos e hidróxidos alumínio	0,576	0,49	0,431	0,45
Papel e cartão	0,705	0,59	0,579	0,60
Etanol	0,742	0,63	0,461	0,48
Fio-máquina e barras ferro/aço	1,093	0,92	0,600	0,62
Café solúvel	0,363	0,31	0,275	0,29
Madeira perfilada / aplainada	0,426	0,36	0,282	0,29
Silício	0,270	0,23	0,242	0,25
Madeira compensada	0,787	0,66	0,893	0,93
Gasolina	1,065	0,90	0,569	0,59



Alumínio em barras, fios, perfis	0,423	0,36	0,405	0,42
Óleo de soja refinado	0,244	0,21	0,220	0,23
3.2 – PRODUTOS MANUFATURADOS	51,848	43,82	42,599	44,15
3.3 – SUB-TOTAL 3.1 + 3.2	65,144	55,06	52,947	54,88
4 – OPERAÇÕES ESPECIAIS *	2,482 / 1,489	2,11 / 1,26	1,579 / 0,947	1,64 / 0,98
5 – TOTAL GERAL	118,308	100,0	96,475	100,0
TOTAL DE COMMODITIES = 1+2+3.1+4	65,467	55,34	53,243	55,19

Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: AEB

*60% Commodities

20.5 – PARTICIPAÇÃO EFETIVA DAS COMMODITIES NAS EXPORTAÇÕES, 2003 e 2002

Em 2003, as commodities correspondiam a 55,70% das exportações totais, enquanto em 2002 essa participação tinha sido de 54,29%.

ITENS DE EXPORTAÇÃO	2003		2002	
	Valor US\$ Bi	Part. %	Valor US\$ Bi	Part. %
1 – BÁSICOS				
Commodities Brutas	21,179	28,98	16,952	28,08
2 – SEMI-MANUFATURADOS				
Commodities Beneficiadas	10,944	14,97	8,965	14,85
3 – MANUFATURADOS				
3.1 – Commodities Industrializadas	7,803	10,68	5,984	9,92
Açúcar refinado	0,790	1,08	0,982	1,63
Óleos Combustíveis	1,006	1,38	0,623	1,03
Laminados planos ferro e aço	1,410	1,93	0,813	1,35
Suco de laranja	0,910	1,24	0,869	1,44
Óxidos e hidróxidos alumínio	0,334	0,46	0,181	0,30
Papel e cartão	0,539	0,74	0,445	0,74
Etanol	0,147	0,20	0,166	0,27
Fio-máquina e barras ferro/aço	0,480	0,66	0,262	0,43
Café solúvel	0,214	0,29	0,167	0,28
Madeira perfilada / aplainada	0,152	0,21	0,106	0,17
Silício	0,198	0,27	0,156	0,26
Madeira compensada	0,590	0,81	0,439	0,73
Gasolina	0,548	0,75	0,524	0,87
Alumínio em barras, fios, perfis	0,294	0,40	0,193	0,32
Óleo de soja refinado	0,191	0,26	0,058	0,10
3.2 – PRODUTOS MANUFATURADOS	31,850	43,58	27,016	44,75
3.3 – SUB-TOTAL 3.1 + 3.2	39,653	54,26	33,000	54,67
4 – OPERAÇÕES ESPECIAIS *	1,308 / 0,785	1,79 / 1,07	1,445 / 0,867	2,39 / 1,44
5 – TOTAL GERAL	73,084	100,0	60,362	100,0
TOTAL DE COMMODITIES =1+2+3.1+4	40,711	55,70	32,768	54,29

Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: AEB

*60% commodities

20.6 – PARTICIPAÇÃO EFETIVA DAS COMMODITIES NAS EXPORTAÇÕES, 2001 e 2000

Em 2001, as commodities corresponderam a 52,06% das exportações totais, enquanto em 2000 essa participação foi de 49,19%.

ITENS DE EXPORTAÇÃO	2001		2000	
	Valor US\$ Bi	Part. %	Valor US\$ Bi	Part. %
1 – BÁSICOS				
Commodities Brutas	15,342	26,35	12,562	22,80
2 – SEMI-MANUFATURADOS				
Commodities Beneficiadas	8,243	14,16	8,499	15,43
3 – MANUFATURADOS				
3.1 – Commodities Industrializadas	5,683	9,76	5,142	9,34
Açúcar refinado	0,878	1,51	0,438	0,79
Óleos Combustíveis	0,798	1,37	0,261	0,47
Laminados planos ferro e aço	0,602	1,03	0,859	1,56
Suco de laranja	0,812	1,40	1,019	1,85
Óxidos e hidróxidos alumínio	0,211	0,36	0,234	0,43
Papel e cartão	0,521	0,90	0,518	0,94
Etanol	0,091	0,16	0,034	0,06
Fio-máquina e barras ferro/aço	0,224	0,38	0,240	0,44
Café solúvel	0,185	0,32	0,201	0,37
Madeira perfurada / aplainada	0,088	0,15	0,101	0,18
Silício	0,113	0,19	0,167	0,30
Madeira compensada	0,360	0,62	0,374	0,68
Gasolina	0,500	0,86	0,406	0,74
Alumínio em barras, fios, perfis	0,222	0,38	0,243	0,44
Óleo de soja refinado	0,078	0,13	0,047	0,09
3.2 – PRODUTOS MANUFATURADOS	27,218	46,75	27,386	49,71
3.3 – SUB-TOTAL 3.1 + 3.2	32,901	56,51	32,528	59,05
4 – OPERAÇÕES ESPECIAIS *	1,736 / 1,042	2,98 / 1,79	1,496 / 0,898	2,72 / 1,62
5 – TOTAL GERAL	58,222	100,0	55,085	100,0
TOTAL DE COMMODITIES = 1+2+3.1+4	30,310	52,06	27,096	49,19

Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: AEB

*60% commodities

21 – VIAS DE TRANSPORTE NA EXPORTAÇÃO, VALOR E TONELADA, EM 2011

Como tem sido destacado neste estudo, as exportações de commodities tem participação superior a 70% nas receitas cambiais e acima de 90% no quantum exportado pelo Brasil.

Devido a esta realidade e ao fato de as commodities terem como características principais serem volumosas e pesadas, a principal e única via de transporte internacional utilizada para sua exportação é a marítima, sem possibilidade de recorrer a outro meio de transporte, ou seja, sem acesso a qualquer outra alternativa, conforme mostra o quadro adiante.



VIAS DE TRANSPORTE	VIAS DE TRANSPORTE NA EXPORTAÇÃO, EM 2011			
	VALOR		PESO	
	US\$ BILHÕES	PART. %	1.000 TONS	PART. %
MARÍTIMA	215,913	84,33	521.673	95,85
AÉREA	11,171	4,36	1.157	0,21
TERRESTRE	17,883	6,98	5.952	1,09
- RODOVIÁRIA	17,440	6,81	5.516	1,01
- FERROVIÁRIA	0,443	0,17	436	0,08
FLUVIAL	1,582	0,62	13.870	2,55
MEIOS PRÓPRIOS	6,778	2,65	1.492	0,27
LINHA TRANSMISSÃO	2,327	0,91	99	0,02
POSTAL/TUBO COND.	0,386	0,15	1	0,01
TOTAL	256,040	100,00	544.244	100,00

Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: AEB

A presente tabela comprova, com riqueza de detalhes, que através da via marítima são canalizadas exportações equivalentes a 85% em valor e a 96% em peso, dados que por si só exigem e justificam a necessidade de o Brasil dispor de excelente infraestrutura portuária, principal e única via de acesso ao mercado internacional para a maioria dos produtos exportados pelo Brasil.

22 – VIAS DE TRANSPORTE NA IMPORTAÇÃO, VALOR E TONELADA, EM 2011

Conforme mostrado anteriormente nos Itens 7 e 9, as quantidades dos produtos importados representam apenas 30% das quantidades dos produtos exportados, sendo um dos motivos o fato de os produtos básicos representarem 82% do total das exportações, em quantidade, enquanto na importação sua participação é de apenas 42% da quantidade total adquirida no exterior.

Como detalhe adicional, na importação, o peso quantitativo dos produtos manufaturados tem pequena predominância sobre o peso quantitativo dos básicos, ao contrário do que ocorre na exportação.

Apesar de existir um quase equilíbrio entre as quantidades de produtos manufaturados e básicos importados, ainda assim o transporte marítimo continua sendo o destaque nas vias de transporte na importação, tanto em peso quanto em valor, embora em índices percentuais menores que na exportação.

VIAS DE TRANSPORTE	VIAS DE TRANSPORTE NA IMPORTAÇÃO, EM 2011			
	VALOR		PESO	
	US\$ BILHÕES	PART. %	1.000 TONS	PART. %
MARÍTIMA	171,440	75,78	131.890	88,72
AÉREA	39,479	17,45	346	0,23
TERRESTRE	10,194	4,50	5.906	3,97
- RODOVIÁRIA	10,074	4,45	5.666	3,81
- FERROVIÁRIA	0,120	0,05	240	0,16
FLUVIAL / LACUSTRE	1,175	0,52	2.932	1,97
MEIOS PRÓPRIOS	0,571	0,25	32	0,02
LINHA TRANSMISSÃO	0,619	0,27	19	0,01
POSTAL/TUBO COND.	2,765	1,23	7.541	5,08
TOTAL	226,243	100,00	148.666	100,00

Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: AEB

Ratificando a mesma observação feita com relação à exportação, o somatório das quantidades exportadas e importadas pelo Brasil alcançam quase 700 milhões de toneladas, número que por si só justifica a defesa veemente que a AEB sempre faz da necessidade urgente de melhorar a infraestrutura portuária, condição indispensável para permitir consolidar a inserção do Brasil no comércio internacional como exportador de produtos manufaturados, qualquer que seja a taxa de câmbio vigente.

23 – QUANTIDADE DE EMPRESAS EXPORTADORAS E IMPORTADORAS

O Brasil possui ao redor de 4.500.000 micro, pequenas, médias e grandes empresas, mas apenas uma ínfima e inexpressiva parcela de 0,4% deste universo são empresas exportadoras e 0,9% importadoras, conforme mostram os dados adiante.

ANOS	EMPRESAS EXPORTADORAS		EMPRESAS IMPORTADORAS	
	QUANTIDADE	VARIAÇÃO	QUANTIDADE	VARIAÇÃO
2000	16.246	+ 876	28.351	+ 816
2001	17.267	+ 1.021	28.807	+ 456
2002	17.407	+ 140	25.542	- 3.265
2003	17.743	+ 336	22.330	- 3.212
2004	18.608	+ 865	22.406	+ 76
2005	17.657	- 951	22.633	+ 227
2006	16.815/20.591	- 842	24.567	+ 1.934
2007	20.889	+ 298	28.911	+ 4.344
2008	20.408	- 481	33.132	+ 4.221
2009	19.823	- 585	34.044	+ 912
2010	19.278	- 545	38.684	+ 4.640
2011	19.194	- 81	42.327	+ 3.627
2012*	19.300	+ 106	43.500	+ 1.173

Fonte: **MDIC/SECEX**

Elaboração: **AEB**

***Previsão**

Apesar de os números serem tímidos, ainda assim, nos recentes últimos anos a quantidade de empresas exportadoras tem diminuído, em contrapartida ao aumento do número de empresas importadoras, consequência direta da contínua e forte valorização do real.

Merece ser esclarecido que, o súbito aumento na quantidade de empresas exportadoras em 2007, e que gerou variação positiva naquele ano, deveu-se à inclusão nas estatísticas de cerca de 4.500 pessoas físicas e jurídicas que realizaram exportações via correios.

Por outro lado, a redução na quantidade de empresas exportadoras e o expressivo aumento das importadoras constituem mais um sintoma do processo de desindustrialização causado pela valorização do real, e que tem atingido o segmento industrial brasileiro, pois importar está mais barato e lucrativo, em contrapartida a produzir no caro mercado interno do Brasil.

24 - MOEDAS DE REALIZAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES

Durante muitos anos, as exportações brasileiras somente podiam ser negociadas em moedas conversíveis, ou seja, aquelas que tinham livre conversibilidade no mercado financeiro internacional.

Todavia, nos recentes últimos anos foi permitida a realização de exportações em que a moeda da operação não era conversível, por exemplo, o Real brasileiro.

Apesar desta exceção, os exportadores brasileiros continuam priorizando o Dólar como moeda em suas operações de exportação, não obstante a forte diminuição na participação das exportações do Brasil para os Estados Unidos, reduzidas de 25,4% no ano 2002 para os atuais 10,1%.

O quadro seguinte detalha, desde 2004, a participação de cada moeda na realização das exportações brasileiras.

MOEDAS	MOEDAS DE REALIZAÇÃO DAS EXPORTAÇÃO - %							
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011*
Dólar EUA	95,95	94,35	95,12	94,49	94,09	93,53	94,13	94,31
Euro	3,32	4,67	4,12	4,66	4,84	4,42	4,21	3,90
Real	0,40	0,43	0,41	0,41	0,56	1,35	1,12	1,27
Libra Esterlina	0,16	0,18	0,19	0,20	0,19	0,49	0,37	0,36
Iene	0,10	0,23	0,08	0,13	0,18	0,16	0,12	0,11
Franco Suíço	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01
Dólar Australiano	0,02	0,03	0,03	0,02	0,02	0,02	0,01	0,01
Dólar Canadense	0,02	0,02	0,02	0,02	0,01	0,02	0,02	0,02
Coroa Sueca	0,03	0,09	0,03	0,04	0,10	0,01	0,01	0,01
Coroa Dinamarquesa	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01
Coroa Norueguesa	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01

Fonte: MDIC/SECEX

Elaboração: AEB

* Até agosto

Após a criação do Euro como moeda escritural em 01.01.1999, e sob a forma de papel moeda a partir de 01.01.2002, imaginava-se que haveria uma redução no índice de participação das exportações em Dólar e correspondente aumento das exportações em Euro, principalmente considerando-se o expressivo destino ao redor de 20% das vendas externas brasileiras para os 17 países que adotam o Euro como moeda oficial, entre os 27 países que integram a União Européia.

Embora a comercialização em Euro seja a segunda moeda de negociação das exportações brasileiras, sua participação ainda é muito tímida.

Por sua vez, as exportações na moeda Real mostraram expressivo crescimento percentual nos últimos três anos, graças às exportações para a Argentina cursadas dentro do Sistema de Pagamento em Moeda Local – SML criado no fim do ano de 2008, mas ainda assim com participação percentual muito pequena.

Em resumo, os exportadores brasileiros, prioritariamente e majoritariamente, adotam o Dólar como moeda de negociação comercial em suas vendas internacionais, cabendo às demais moedas participações marginais.

Deve ser esclarecido que, estatística sobre as moedas utilizadas na importação inexistente no MDIC/SECEX, pois nem toda importação está sujeita à emissão de LI – Licença de Importação, razão pela qual os dados seriam incompletos e imprecisos. Estes dados poderiam ser elaborados pela Receita Federal do Brasil, com base nas DI - Declarações de Importação, exigidas em toda e qualquer importação, mas desconhece-se sua eventual existência.

25 – EVOLUÇÃO DAS TAXAS DE CâMBIO E DEFASAGEM CAMBIAL

Até o final da década de 90 tornou-se lugar comum alegar que a taxa de câmbio estava defasada, que as exportações tinham perdido competitividade externa e que o índice adotado pelo BACEN para fixar o valor da taxa cambial não acompanhava a elevação dos custos das empresas, e, como consequência, geravam desestímulos às exportações.

As sugestões apontadas para solucionar esta situação era deixar que as leis do mercado cambial determinasse a taxa de câmbio mais adequada.

No início de 1999, o Brasil adotou o sistema de câmbio livre, que passou a flutuar conforme as forças do mercado, e, como primeiro impacto, ocorreu a desvalorização do real, provocando a elevação da taxa de câmbio.

Como resultado desta mudança, o sistema cambial foi adequado até o ano de 2006, mantendo a competitividade das exportações, sob o aspecto preço.

Embora o processo de valorização do real tenha começado em 2003, somente a partir de 2007 os primeiros sinais de problemas nas exportações começaram a aparecer, perdurando até os dias atuais, e agravando-se a cada dia que passa.

O quadro adiante, que apresenta as cotações da taxa de câmbio em quatro datas desde 1998, mostra de forma indiscutível a contínua e forte valorização do real, iniciada em 2003.

ANOS	TAXAS DE CÂMBIO R\$ / US\$			
	31 MAR	30 JUN	30 SET	31 DEZ
1998	1,1366	1,1561	1,1848	1,2079
1999	1,7212	1,7687	1,9215	1,7882
2000	1,7465	1,7992	1,8429	1,9546
2001	2,1608	2,3041	2,6705	2,3196
2002	2,3228	2,8436	3,8941	3,5325
2003	3,3523	2,8712	2,9226	2,8884
2004	2,9078	3,1067	2,8578	2,6536
2005	2,6654	2,3496	2,2214	2,3399
2006	2,1716	2,1635	2,1734	2,1372
2007	2,0496	1,9254	1,8381	1,7705
2008	1,7483	1,5911	1,9135	2,3362
2009	2,3144	1,9508	1,7773	1,7404
2010	1,7802	1,8007	1,6934	1,6654
2011	1,6279	1,5603	1,8536	1,8751
2012*	-	-	-	1,8000

Fonte: **BACEN**

Elaboração: **AEB**

A análise destes dados permite a obtenção de um conjunto de diferentes informações, conforme descritas a seguir:

- a taxa de câmbio nominal que vigorou no segundo semestre de 2010 e no primeiro semestre de 2011 foi inferior àquela praticada em 1999;
- no período de 1999 a 2011, o salário mínimo teve reajuste acumulado de 378%;
- neste mesmo período, a inflação acumulada atingiu 133% pelo IPCA, 139% pelo INPC, 216% pelo IGP-DI e 219% pelo IGP-M;
- como resultado dos índices de inflação apurados e computando-se os aumentos reais negociados e concedidos, a elevação dos salários industriais alcançou níveis bem acima dos 139% apurados de inflação;
- conforme dados apresentados anteriormente, as cotações das matérias-primas tiveram aumentos expressivos na década passada, com reflexo direto na elevação dos custos de produção;
- projetando-se, hipoteticamente, o repasse de apenas 60% do menor custo inflacionário de 139% ocorrido no período de 1999 a 2011, correspondente a 83%, e aplicando este índice apurado sobre a taxa cambial de R\$1,2079 vigente em 31 de dezembro de 1998, a taxa de câmbio que deveria estar vigorando hoje seria de R\$2,21, apenas e tão somente para manter patamar equivalente à taxa cambial vigente em 31 de dezembro de 1998, que à época era considerada defasada.

Como o valor da taxa de câmbio atual encontra-se ao redor de R\$1,75, constata-se que a defasagem cambial não representa um simples capricho, pois provoca efetiva perda de competitividade de produtos brasileiros nos mercados externo e doméstico, como tem sido

fartamente comprovado por fatos vinculados à redução quantitativa das exportações de manufaturados, ao forte crescimento das importações de manufaturados e aos sintomas de desindustrialização constatados em determinados segmentos industriais no Brasil, entre outros fatores.

Não está sendo considerada nesta avaliação a elevação da produtividade obtida pelo setor empresarial nos últimos anos, mas, ainda assim, a diferença entre a atual taxa cambial praticada e aquela que deveria estar vigente é muito acentuada, dificultando, e até mesmo inviabilizando, a realização de exportações, ao mesmo tempo em que deixa livre o acesso das importações no mercado brasileiro.

26 – VALOR DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS, POR PAÍS

Nos últimos dez anos, todos os países ampliaram suas exportações, com destaque para os países emergentes e aqueles de menor desenvolvimento econômico, geralmente exportadores de commodities, exceções feitas à China e Índia, que mesmo classificados como emergentes, suas exportações de manufaturados representam mais de 90% de suas pautas de exportação.

Tomando-se como base dados oficiais de exportação da OMC, a expansão do comércio mundial foi de 136% no período 2010-2000. As informações relativas a 2011 ainda não foram divulgadas.

PAÍSES	VALOR DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS, POR PAÍS - US\$ BILHÕES													
	1950	1970	1980	1990	2000	2002	2003	2004	2006	2007	2008	2009	2010	2011*
China	0,6	2,3	18	62	249	326	438	593	969	1220	1431	1202	1578	1880
EUA	10,3	43,2	225	393	782	693	724	815	1026	1148	1287	1056	1278	1550
Alemanha	2,0	34,2	193	421	552	616	751	910	1108	1321	1446	1126	1269	1460
Japão	0,8	19,3	130	287	479	417	472	566	647	714	781	581	770	750
Holanda	1,6	13,3	74	132	233	244	296	357	464	551	638	498	572	620
França	3,1	18,1	116	217	328	332	392	452	496	559	616	484	520	570
Coréia	0,0	0,8	18	65	172	162	194	254	325	371	422	363	466	554
Itália	1,2	13,2	78	170	240	254	293	354	417	500	543	406	448	460
Bélgica	1,6	11,6	65	118	188	216	255	307	367	431	472	370	411	430
Reino Un.	6,3	19,4	110	185	285	280	305	347	449	439	460	353	405	420
HongKong	0,6	2,5	20	82	202	201	228	265	322	349	370	329	401	470
Rússia	1,8**	12,8**	76**	82**	106	107	135	183	303	355	472	303	400	530
Canadá	3,0	16,8	68	128	277	252	272	317	388	421	456	317	388	410
Singapura	1,0	1,5	19	53	137	125	159	198	271	299	338	269	351	400
México	0,5	1,4	18	41	166	161	165	188	250	272	291	230	298	370
Taiwan	0,1	1,4	20	67	151	135	150	182	224	246	255	203	274	330
Arábia Sd	0,3	2,4	109	44	77	72	93	126	211	235	313	192	250	340
Espanha	0,4	2,4	21	56	115	126	156	183	214	253	281	218	245	230
Índia	1,1	2,0	9	18	42	49	59	76	122	150	195	163	220	315
Emir. Arab	0,0	0,5	22	23	50	52	67	91	145	178	239	185	220	260
Brasil	1,4	2,7	20	31	55	60	73	96	138	161	198	153	202	256
África Sul	1,1	3,3	25	23	30	30	36	46	58	70	81	62	82	90
Argentina	1,2	1,8	8	12	26	26	29	35	47	56	70	56	68	80
Demais	22,0	90,1	572	738	1514	1556	1844	2277	3152	3702	4461	3371	4120	3225
Mundo	62	317	2034	3448	6456	6492	7586	9218	12113	14001	16116	12490	15238	16000

Fonte: OMC

Elaboração: AEB

**URSS

*Estimativa

Os países exportadores adiante listados ampliaram suas exportações em percentual superior aos 136% de crescimento do comércio mundial no período 2010-2000: China em 534%, Índia 424%, Rússia 277%, Brasil 267%, Arábia Saudita 225%, África do Sul 173%, Coreia do Sul 171% e Holanda 145%.

Justificando o fato de serem considerados os principais países emergentes, os quatro que compõem o chamado BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) foram aqueles que tiveram maior crescimento nas exportações no período 2010-2000.

Este mesmo quadro mostra que os países desenvolvidos relacionados a seguir expandiram suas exportações em índices inferiores ao crescimento de 136% das exportações mundiais, sendo Canadá 40%, Reino Unido 42%, França 58%, Japão 61%, EUA 63% e Itália 87%.

Apenas como detalhe, em 1980, o valor das exportações de Brasil, China, Coreia do Sul e México eram praticamente iguais. Passados 30 anos, destes quatro países, o Brasil foi o que teve o menor crescimento das exportações, com as vendas externas da China representando, em 2010, mais 681% que as exportações brasileiras, as coreanas mais 130% e as mexicanas mais 47%. Isto ocorreu mesmo com a explosão nas cotações e quantidades das commodities ocorrida na década passada, que alavancaram as exportações brasileiras.

Apesar de os dados da OMC relativos a 2011 ainda não serem conhecidos, muito provavelmente o Brasil terá avançado nas exportações mundiais, graças às cotações e quantidades recordes alcançadas pelas commodities em 2011.

Em contrapartida, devido à possível crise internacional que o mundo econômico poderá viver em 2012, e que poderá afetar as cotações das commodities, o valor das exportações brasileiras deverá recuar e, eventualmente, perder espaço no cenário global.

Um interessante dado de exportação mostrado neste quadro é que dos 10 (dez) maiores países exportadores, nove são exportadores de produtos manufaturados e apenas um, a Rússia, tem importante parcela de suas receitas cambiais geradas por commodities, representadas por petróleo e diamante, mas que também exporta produtos manufaturados.

Outra particularidade é que, dos dez países com os maiores PIB projetados para 2011 (EUA, China, Japão, Alemanha, França, Brasil, Reino Unido, Itália, Rússia e Índia), sete estão entre os dez maiores exportadores, em valores estimados para 2011 (China, EUA, Alemanha, Japão, França, Rússia e Itália), e três estão fora desta lista, sendo o Reino Unido o 11º, a Índia 17º e o Brasil 21º.

27 – VALOR DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS, POR PAÍS

A expansão das exportações provoca equivalente aumento das importações, porém, com os impactos entre os países atuantes no comércio mundial podendo ser diferentes, gerando elevação ou diminuição do superávit ou déficit comercial.

Nesse sentido, nos últimos dez anos, todos os países tiveram expansão em suas importações, não por que o mundo tivesse passado por um novo processo de abertura comercial, mas devido ao fato de a elevação das cotações internacionais das commodities terem proporcionado aumento na capacidade cambial de importação dos países, envolvendo tanto produtos manufaturados quanto commodities, especialmente alimentícias.

Uma vez mais, com base em dados oficiais da OMC descritos no quadro adiante, o comércio mundial de importação cresceu 129% no período 2010-2000.

Avaliando-se os dados de importação relativos aos principais países importadores, no período 2000-2010 os seguintes países tiveram desempenho superior ao do comércio mundial: Índia 533%, China 520%, Rússia 451%, Emirados Árabes 400%, Arábia Saudita 240%, Brasil 223%, África do Sul 213%, Coreia do Sul 166% e Holanda 161%, com destaque, uma vez mais, para os países que integram o BRIC, especialmente Índia, China e Rússia.



PAÍSES	VALOR DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS, POR PAÍS - US\$ BILHÕES													
	1950	1970	1980	1990	2000	2002	2003	2004	2006	2007	2008	2009	2010	2011*
EUA	9,6	42,4	257	517	1259	1200	1303	1526	1918	2020	2169	1605	1969	2200
China	0,6	2,3	20	53	225	295	413	561	791	956	1133	1006	1395	1720
Alemanha	2,7	29,9	188	356	497	490	604	716	907	1055	1185	938	1067	1290
Japão	1,0	18,9	141	235	380	337	383	455	579	622	763	552	694	780
França	3,1	19,1	135	234	339	329	398	471	542	631	716	560	606	630
Reino Un.	7,3	21,9	116	223	348	364	399	470	601	623	633	482	560	580
Holanda	2,4	15,7	78	126	218	219	265	320	417	493	581	445	517	570
Itália	1,5	15,0	101	182	239	247	297	355	443	512	562	413	484	500
HongKong	0,7	2,9	37	85	214	207	233	272	335	370	392	352	442	530
Coréia	0,1	2,0	22	70	160	152	179	224	309	357	435	323	425	520
Canadá	3,1	14,3	62	123	245	227	245	280	359	390	419	330	402	430
Bélgica	2,0	11,4	72	119	178	198	235	286	352	411	466	352	390	410
Índia	1,1	2,1	15	24	51	56	72	99	178	229	321	250	327	400
Espanha	0,4	4,7	34	88	156	165	208	258	329	389	421	287	314	290
México	0,5	2,5	22	44	179	173	175	202	263	290	318	242	311	340
Singapura	1,1	2,5	24	61	134	116	136	173	238	263	319	245	310	360
Taiwan	0,1	1,5	20	55	140	113	128	169	202	219	240	174	251	290
Rússia	1,5**	11,7**	69**	66**	45	60	76	97	164	223	292	192	249	300
Brasil	1,1	2,8	25	22	59	50	51	66	96	126	182	134	191	226
Emir Arab	0,1	0,2	9	11	32	42	52	72	100	132	177	150	160	180
Arábia Sd	0,1	0,7	30	24	30	32	37	47	70	90	115	96	97	130
África Sul	0,9	3,8	20	18	30	29	40	53	79	88	101	73	94	120
Argentina	1,0	1,7	11	4	25	9	14	22	34	45	57	39	56	70
Demais	22,0	99,0	567	802	1541	1631	1918	2373	3129	3763	4516	3442	4091	3434
Mundo	64	329	2075	3542	6724	6741	7861	9567	12435	14297	16513	12682	15402	16300

Fonte: OMC

Elaboração: AEB

**URSS

*Previsão

Ratificando a análise de que os países desenvolvidos não acompanharam o ritmo de crescimento da economia mundial, seus índices de expansão das importações também foram inferiores aos 129% de crescimento do comércio mundial no período 2010-2000, conforme segue: EUA 56%, Reino Unido 60%, Canadá 64%, França 78%, Japão 82%, Espanha 100%, Itália 102%, Alemanha 114% e Bélgica 119%.

Embora a OMC ainda não tenha divulgado os dados relativos a 2011, muito provavelmente os países componentes do BRIC terão avançado um pouco mais no montante de suas importações, graças à elevação do poder de importação proporcionado pelas ainda elevadas cotações alcançadas pelas commodities e pela importante ajuda proporcionada pela valorização das moedas da maioria destes países.

28 - INDICES DE PARTICIPAÇÃO NAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS, POR PAÍS

Como resultado da forte elevação das cotações das commodities ocorrida nos últimos 10 anos, aliada à também expressiva expansão das quantidades comercializadas, os países emergentes passaram a ter maior participação nas exportações mundiais, mas ainda assim distante dos países desenvolvidos e exportadores de produtos manufaturados, sendo, uma vez mais, a China a única exceção.



PAÍSES	ÍNDICES DE PARTICIPAÇÃO NAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS, POR PAÍS - %													
	1950	1970	1980	1990	2000	2002	2003	2004	2006	2007	2008	2009	2010	2011*
China	0,97	0,73	0,88	1,80	3,86	5,02	5,77	6,43	8,00	8,71	8,88	9,62	10,35	11,75
EUA	16,61	13,63	11,06	11,40	12,11	10,67	9,54	8,84	8,47	8,20	7,99	8,45	8,39	9,69
Alemanha	3,22	10,79	9,49	12,21	8,55	9,49	9,90	9,87	9,15	9,43	8,97	9,02	8,33	9,13
Japão	1,29	6,09	6,39	8,32	7,42	6,42	6,22	6,14	5,34	5,10	4,85	4,65	5,05	4,69
Holanda	2,58	4,19	3,64	3,83	3,61	3,76	3,90	3,87	3,83	3,94	3,96	3,99	3,75	3,87
França	5,00	5,71	5,70	6,29	5,08	5,11	5,17	4,90	4,09	3,99	3,82	3,87	3,41	3,56
Coréia	0,00	0,25	0,88	1,89	2,66	2,50	2,56	2,76	2,68	2,65	2,62	2,91	3,06	3,46
Itália	1,94	4,16	3,84	4,93	3,72	3,91	3,86	3,84	3,44	3,57	3,37	3,25	2,94	2,87
Bélgica	2,58	3,66	3,20	3,42	2,91	3,33	3,36	3,33	3,03	3,08	2,93	2,96	2,70	2,69
Reino Un.	10,16	6,12	5,41	5,37	4,42	4,31	4,02	3,76	3,71	3,13	2,85	2,83	2,66	2,63
Rússia	2,90**	4,04**	3,74**	2,38**	1,64	1,65	1,78	1,99	2,50	2,54	2,93	2,42	2,63	3,31
HongKong	0,97	0,79	0,99	2,38	3,13	3,10	3,00	2,87	2,66	2,49	2,30	2,63	2,63	2,94
Canadá	4,84	5,30	3,34	3,71	4,29	3,88	3,59	3,44	3,20	3,01	2,83	2,54	2,55	2,56
Singapura	1,61	0,47	0,93	1,53	2,12	1,93	2,10	2,15	2,24	2,14	2,10	2,15	2,30	2,50
México	0,81	0,44	0,88	1,19	2,57	2,48	2,18	2,04	2,06	1,94	1,81	1,84	1,96	2,31
Taiwan	0,16	0,44	0,99	1,94	2,34	2,08	1,98	1,97	1,85	1,76	1,58	1,63	1,80	2,06
Arábia Sd	0,48	0,76	5,36	1,28	1,19	1,11	1,23	1,37	1,74	1,68	1,94	1,54	1,64	2,13
Espanha	0,65	0,76	1,03	1,62	1,78	1,94	2,06	1,99	1,77	1,81	1,74	1,75	1,61	1,44
Índia	1,77	0,63	0,44	0,52	0,65	0,76	0,78	0,83	1,01	1,07	1,21	1,31	1,44	1,97
Emir. Arab	0,00	0,16	1,08	0,67	0,78	0,80	0,88	0,99	1,20	1,27	1,48	1,48	1,44	1,62
Brasil	2,26	0,85	0,99	0,90	0,85	0,92	0,96	1,04	1,14	1,15	1,23	1,22	1,33	1,60
África Sul	1,77	1,04	1,23	0,67	0,46	0,46	0,47	0,50	0,48	0,50	0,50	0,50	0,54	0,56
Argentina	1,94	0,57	0,39	0,35	0,40	0,40	0,38	0,38	0,39	0,40	0,43	0,45	0,45	0,50
Demais	35,49	28,42	28,12	21,40	23,46	23,97	24,31	24,70	26,02	26,44	27,68	26,99	27,04	20,16
Mundo	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: OMC

Elaboração: AEB

**URSS

*Previsão

Utilizando-se números concretos para avaliar o desempenho de cada país na participação das exportações mundiais no período 2000-2010, constata-se redução na participação de países desenvolvidos como Canadá 41%, Reino Unido 40%, França 33%, Japão 32%, EUA 31%, Itália 21%, Espanha 10%, Bélgica 8% e Alemanha 3%, em contrapartida à elevação na participação de países emergentes como China 168%, Índia 121%, Emirados Árabes 85%, Rússia 60%, Brasil 56%, Arábia Saudita 38%, África do Sul 17%, Coreia do Sul 15% e Argentina 12%.

Quando se compara os índices percentuais de participação nas exportações mundiais de 2010 com os vigentes em 1950, a disparidade é total, pois existem crescimentos significativos (Coreia 30.500%, Emirados Árabes 14.300%, China 1.062%, Taiwan 1.025%, Japão 280%, Arábia Saudita 204%, Hong Kong 171%, Alemanha 159%, Itália 51% e Holanda 45%), e quedas expressivas (Argentina 76%, Reino Unido 74%, EUA 49%, Canadá 48%, Brasil 39%, França 31% e Índia 23%).

Na realidade, estes índices percentuais mostram que, no passado distante, havia uma grande supremacia e concentração de EUA e Reino Unido nas exportações mundiais, resultado de seu forte desenvolvimento tecnológico e industrial, contrariamente ao que se verifica atualmente, onde existe uma diversificação industrial e tecnológica entre diferentes países, gerando desconcentração e descentralização nos índices de participação das exportações mundiais.

Em 2011, o Brasil deve ter galgado mais alguns degraus e atingido o índice de 1,60%, seu melhor percentual de participação nas exportações mundiais, somente inferior ao obtido no ano de 1950, graças exclusivamente às cotações e às quantidades recordes alcançadas pelas commodities no ano passado.

29 - INDICES DE PARTICIPAÇÃO NAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS, POR PAÍS

O crescimento econômico ocorrido na última década, especialmente nos denominados países emergentes, proporcionou expansão de suas importações e conseqüente aumento dos seus índices de participação no total das importações mundiais.

Em contrapartida, os países desenvolvidos, que sempre detiveram expressiva participação, viram seus índices percentuais serem reduzidos, espelhando o novo cenário econômico mundial de menor concentração das importações em poucos países e maior pulverização entre mais nações.

PAÍSES	ÍNDICES DE PARTICIPAÇÃO NAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS, POR PAÍS - %														
	1950	1970	1980	1990	2000	2002	2003	2004	2006	2007	2008	2009	2010	2011**	
EUA	15,00	12,89	12,39	14,60	18,72	17,80	16,58	15,95	15,42	14,13	13,13	12,66	12,78	13,50	
China	0,94	0,70	0,96	1,50	3,35	4,38	5,25	5,86	6,36	6,69	6,86	7,93	9,06	10,55	
Alemanha	4,22	9,09	9,06	10,05	7,39	7,27	7,68	7,48	7,29	7,38	7,18	7,40	6,93	7,91	
Japão	1,56	5,74	6,80	6,63	5,65	5,00	4,87	4,76	4,66	4,35	4,62	4,35	4,50	4,78	
França	4,84	5,81	6,51	6,61	5,04	4,88	5,06	4,92	4,36	4,41	4,34	4,41	3,94	3,86	
Reino Un.	11,41	6,65	5,59	6,30	5,18	5,40	5,07	4,91	4,83	4,36	3,83	3,80	3,64	3,56	
Holanda	3,75	4,77	3,76	3,56	3,24	3,25	3,37	3,35	3,35	3,45	3,52	3,51	3,36	3,50	
Itália	2,34	4,56	4,87	5,14	3,55	3,66	3,78	3,71	3,56	3,58	3,40	3,26	3,14	3,07	
HongKong	1,09	0,88	1,78	2,40	3,18	3,07	2,96	2,84	2,69	2,59	2,37	2,78	2,87	3,25	
Coréia	0,16	0,61	1,06	1,98	2,38	2,25	2,28	2,34	2,48	2,50	2,63	2,55	2,76	3,19	
Canadá	4,84	4,35	2,99	3,47	3,64	3,37	3,12	2,93	2,89	2,73	2,54	2,60	2,61	2,64	
Bélgica	3,12	3,46	3,47	3,36	2,65	2,94	2,99	2,99	2,83	2,87	2,82	2,77	2,53	2,51	
Índia	1,72	0,64	0,72	0,68	0,76	0,83	0,92	1,03	1,43	1,60	1,94	1,97	2,12	2,45	
Espanha	0,63	1,43	1,64	2,48	2,32	2,45	2,64	2,70	2,65	2,72	2,55	2,26	2,04	1,78	
México	0,78	0,76	1,06	1,24	2,66	2,57	2,23	2,11	2,11	2,03	1,93	1,91	2,02	2,09	
Cingapura	1,72	0,76	1,16	1,72	1,99	1,72	1,73	1,81	1,91	1,84	1,93	1,93	2,01	2,21	
Taiwan	0,16	0,46	0,96	1,55	2,08	1,68	1,63	1,77	1,62	1,53	1,45	1,37	1,63	1,78	
Rússia	2,34*	3,56*	3,33*	1,86*	0,67	0,89	0,97	1,01	1,32	1,56	1,77	1,51	1,62	1,84	
Brasil	1,72	0,85	1,20	0,62	0,88	0,74	0,65	0,69	0,77	0,88	1,10	1,06	1,24	1,39	
Emir. Arab	0,16	0,06	0,43	0,31	0,48	0,62	0,66	0,75	0,80	0,92	1,07	1,18	1,04	1,10	
Arábia Sd	0,16	0,21	1,44	0,68	0,45	0,47	0,47	0,49	0,56	0,63	0,70	0,76	0,63	0,80	
África Sul	1,41	1,15	0,96	0,51	0,45	0,43	0,51	0,55	0,64	0,62	0,61	0,58	0,61	0,74	
Argentina	1,56	0,52	0,53	0,11	0,37	0,13	0,18	0,23	0,27	0,31	0,35	0,31	0,36	0,43	
Demais	34,37	30,09	27,33	22,64	22,92	24,20	24,40	24,82	25,20	26,32	27,36	27,14	26,56	21,07	
Mundo	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	

Fonte: OMC

Elaboração: AEB

**Estimativa

*URSS

Os dados da OMC mostram que, no período 2010-2000, os seguintes países, em sua quase totalidade desenvolvidos, tiveram perda de participação no quadro mundial de importação: EUA 32%, Reino Unido 29%, Canadá 28%, México 26, França 22%, Japão 21%, Espanha 13%, Itália 11%, Alemanha 6% e Bélgica 4%.

Em contrapartida, os chamados países emergentes ampliaram de forma agressiva o montante de suas importações e elevaram suas participações no comércio mundial de importação, com destaque para os ganhos de participação de países como Índia 176%, China 170%, Rússia 142%, Arábia Saudita 47%, Brasil 42%, África do Sul 36% e Coréia do Sul 16%.

Confrontando-se os índices de participação nas importações mundiais de 2010 com os de 1950, verifica-se grande disparidade de crescimento (Coréia do Sul 1.625%, China 865%, Emirados Árabes 550%, Arábia Saudita 312%, Espanha 222%, Japão 188%, México 159%, Alemanha 64%, Itália 36% e Índia 22%), e também expressivas perdas de participação (Argentina 76%, Reino Unido 68%, África do Sul 57%, Canadá 46%, Rússia 31%, Brasil 27%, Índia 23%, Bélgica 19%, França 19% e EUA 15%).

Estes índices mostram que, no passado distante, muitos países, especialmente os atuais emergentes, não possuíam parque industrial e precisavam importar quase todas suas necessidades, decorrente da concentração industrial em poucos países.

Com relação ao Brasil, em 2011, uma vez mais, deve ter elevado seu índice percentual de participação nas importações mundiais, decorrente do crescimento da demanda interna e da forte valorização do Real que vigorou durante grande parte daquele ano, mas que ainda assim continuará sendo inferior ao índice obtido no longínquo ano de 1950.

30 - RANKING DE PAÍSES NA EXPORTAÇÃO MUNDIAL

A atuação da China no comércio internacional, as expressivas elevações das cotações e quantidades das commodities na última década, e o fortalecimento dos países chamados emergentes tem provocado alterações localizadas no ranking dos países exportadores.

PAÍSES	RANKING DE PAÍSES NA EXPORTAÇÃO MUNDIAL													
	1950	1970	1990	2000	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011*
China	28	29	14	7	5	4	3	3	3	2	2	1	1	1
EUA	1	1	2	1	1	2	2	2	2	3	3	3	2	2
Alemanha	5	2	1	2	2	1	1	1	1	1	1	2	3	3
Japão	20	4	3	3	3	3	4	4	4	4	4	4	4	4
Holanda	9	7	7	9	9	7	6	6	6	6	5	5	5	5
França	3	5	4	4	4	5	5	5	5	6	6	6	6	6
Coréia	-	49	12	12	12	12	12	12	11	11	12	9	7	8
Itália	11	8	6	8	7	8	7	8	8	7	7	7	8	9
Bélgica	8	10	9	11	10	10	10	10	10	9	8	8	9	10
Reino Un.	2	3	5	5	6	6	8	7	7	8	10	10	10	11
Rússia	6**	9**	13**	17	17	17	14	13	13	12	9	13	12	7
Canadá	4	6	8	6	8	9	9	9	9	10	11	12	13	12
México	30	40	20	13	13	13	13	15	15	15	16	15	15	14
Arábia Sd	38	27	17	21	23	23	20	18	18	18	15	18	17	16
Espanha	38	25	17	16	15	14	17	17	17	16	17	16	18	20
Índia	14	30	33	32	31	31	31	29	28	26	23	21	20	17
Brasil	10	20	23	28	26	25	25	23	23	24	22	24	22	21
África Sul	13	17	30	37	38	38	37	39	41	38	41	38	37	36
Argentina	12	32	43	42	42	42	42	46	46	45	45	42	42	40
Venezuela	18	18	34	34	43	44	46	38	38	39	38	39	44	42

Fonte: OMC

Elaboração: AEB

*Previsão

**URSS

A China foi o país que mais evoluiu no ranking mundial de países exportadores, saindo de um distante 29º lugar em 1970 para atingir em 2009, pela primeira vez na história, a posição de maior exportador mundial.

Os EUA, que durante quase sempre ocupou o posto de maior exportador mundial, perdeu essa posição para a Alemanha em 1990 e 1991, recuperou-a em 1992 e a manteve até 2002, quando caiu para o segundo lugar entre 2003 e 2006, novamente caindo para a terceira classificação entre 2007 e 2009, mas recuperando em 2010 o posto de segundo maior exportador mundial.

A Alemanha, durante as décadas de 70 e 80 ocupou o posto de segundo maior país exportador. Em 1990 e 1991 assumiu o primeiro lugar, mas o devolveu para os EUA entre 1992 e 2002, para assumir novamente a liderança entre 2003 e 2008, perder a liderança para a China em 2009 e cair em 2010 para o atual terceiro lugar.

A Coréia do Sul também merece ser destacada, pois após ter registrado exportações simbólicas em 1950, ocupava em 1970 a 49ª posição no ranking, e a partir de 1990 acelerou seu processo de subida até alcançar em 2010 a 7ª classificação no ranking das exportações mundiais.

Outro país que começa a ter destaque nas exportações mundiais é a Índia, um país tradicionalmente fechado e voltado para dentro, que até meados da década passada ocupava a discreta 31ª posição no ranking, e que em 2010 já ocupa a 20ª classificação, superior a do próprio Brasil, e com viés de continuar galgando degraus.

Por outro lado, três países devem ser destacados pela perda de posições, sendo o principal o Reino Unido, que após ostentar o segundo posto em 1950, foi caindo lentamente ao longo dos anos, até se estabilizar em uma atual modesta 10ª posição no ranking das exportações mundiais.

O segundo país é o Canadá, que após alcançar o 4º posto em 1950, foi perdendo força até ocupar a 6ª classificação em 2000, e durante a década passada ter acelerado o processo de queda para ostentar a atual 13ª posição.

O terceiro país é a Argentina, que após ser o 12º maior exportador em 1950, começou a regredir rapidamente, até se estabilizar a partir de 1990 em posições próximas à distante 40ª classificação.

Quanto ao Brasil, após ter alcançado a posição de 10º maior exportador em 1950, não conseguiu acompanhar a evolução dos demais países e a partir de 1970 se estabilizou em posições pouco acima da 20ª classificação. A explosiva elevação das cotações e quantidades de commodities, na década passada, provocou forte elevação das receitas de exportação, porém, não foi suficiente para fazer o Brasil dar saltos significativos na subida de posições no ranking mundial de exportação.

31 - RANKING DE PAÍSES NA IMPORTAÇÃO MUNDIAL

O ranking ocupado pelos países na importação mundial guarda certa semelhança com seu correspondente na exportação, mostrando que, salvo casos especiais, existe um certo equilíbrio na balança comercial das principais nações participantes do comércio exterior.

PAÍSES	RANKING DE PAÍSES NA IMPORTAÇÃO MUNDIAL													
	1950	1970	1990	2000	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011*
EUA	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
China	26	28	21	8	6	3	3	3	3	3	3	2	2	2
Alemanha	5	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	3	3
Japão	15	5	3	3	4	6	6	4	5	6	4	5	4	4
França	4	4	4	5	5	4	4	6	6	4	5	4	5	5
Reino Un.	2	3	5	4	3	5	5	5	4	5	6	6	6	6
Holanda	6	6	7	9	9	8	8	8	8	8	7	7	7	7
Itália	8	7	6	7	7	7	7	7	7	7	8	8	8	8
Coréia	-	32	19	13	14	14	13	13	13	13	10	12	10	10
Canadá	3	8	10	6	8	9	10	9	9	10	12	11	11	11
Bélgica	7	10	8	12	11	10	9	10	10	9	9	10	12	12
Índia	11	29	32	25	24	24	24	17	17	16	14	14	13	13
Espanha	38	14	13	14	13	12	12	12	12	11	11	13	14	17
México	28	27	20	11	12	14	14	14	14	14	16	16	16	15
Rússia	9**	9**	9**	29	23	23	25	20	18	17	17	17	18	16
Brasil	12	23	16	23	29	30	29	28	28	28	24	25	20	19
Arábia Sd	64	54	15	39	37	40	40	36	35	33	31	30	31	29
África Sul	17	16	22	40	38	37	32	34	32	34	34	34	32	32
Argentina	16	36	42	42	55	52	49	48	48	49	47	51	47	48
Venezuela	25	34	36	44	49	65	55	51	49	47	50	49	51	52

Fonte: OMC

Elaboração: AEB

*Previsão

**URSS

Ao contrário do que já ocorreu na exportação, por enquanto, os EUA permanecem como único e até agora eterno líder do ranking das importações mundiais, mas com a China se aproximando rapidamente e ameaçando ocupar seu trono.

Por sua vez, a Alemanha ocupava a segunda posição no ranking de maior importador mundial desde 1970, mas não conseguiu resistir ao avanço da China e perdeu esse posto em 2008, caindo para a terceira classificação, cenário que não deve ser alterado num curto espaço de tempo.

A China, depois de ostentar em 1990 a 21ª classificação no ranking dos países importadores, deu início a um processo de importação de matérias-primas, insumos e bens de capital para montagem de seu parque industrial, que a levou à 8ª posição no ano 2000, para na década passada novamente acelerar suas importações, agora concentradas em commodities metálicas, minerais e alimentícias, e cujos valores subiram continuamente, levando-a ao posto de 2º maior importador mundial, mas com a perspectiva de ultrapassar os EUA nos próximos 3 anos, desde que mantido seu atual ritmo de importação.

Merece destaque o Japão, que após ocupar o 15º lugar no longínquo ano de 1950, foi galgando posições até alcançar o atual posto de 4º maior importador mundial, mas sem perspectiva de alcançar a 3ª posição, pelo menos a médio prazo.

A Índia e o México também devem ser motivo de aplauso, pois depois de a Índia ocupar a 29ª classificação em 1990, atualmente já ocupa a 13ª posição, papel similar ao desempenhado pelo México, que após o 27º posto em 1970, vem crescendo no últimos anos e já ocupa a 15ª posição no ranking mundial das importações.

O Reino Unido, uma vez mais, tem destaque negativo no ranking das importações, pois após ocupar a 2ª colocação em 1950, não conseguiu acompanhar o ritmo dos demais países no comércio internacional e foi perdendo posições, até estabilizar-se na 6ª classificação que ocupa desde 2008.

Situação similar ocorreu com o Canadá, que após alcançar a 3ª posição em 1950, perdeu terreno e atualmente ocupa apenas a 11ª posição no ranking mundial.

O Brasil, após ter ocupado em 1950 a 12ª classificação no ranking de importação, caiu para a 23ª posição em 1970, recuperou-se em 1990 para situar-se no 16º posto, e na década passada voltou a perder espaço ocupando colocações em patamares acima dos anteriores, que foram levemente reduzidos nos últimos três anos, mas ainda sem retornar aos níveis alcançados anteriormente.

32 – MAIORES SUPERÁVITS COMERCIAIS MUNDIAIS

Antes de iniciar a análise referente aos superávits mundiais, torna-se indispensável esclarecer que, os superávits referentes ao Brasil são diferentes dos divulgados pelo MDIC/SECEX, em razão de a OMC utilizar em suas estatísticas valores FOB de exportação e CIF de importação, enquanto o MDIC/SECEX adota valores FOB na exportação e também na importação.

O quadro adiante mostra os países com os maiores superávits comerciais no mundo, apresentados em ordem decrescente de valores relativos a 2010, sendo que os marcados em vermelho referem-se a déficit comercial apurado em determinados anos.



PAÍSES	MAIORES SUPERÁVITS COMERCIAIS MUNDIAIS – US\$ BILHÕES												
	1990	1995	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Alemanha	65,4	59,6	54,6	85,5	125,5	147,0	194,2	193,8	201,4	266,3	261,3	188,1	201,7
China	8,8	16,7	24,1	22,6	30,4	25,4	32,1	102,0	177,5	264,3	298,1	195,7	182,7
Arábia Sd	20,3	21,9	47,4	36,9	40,1	56,3	78,6	121,2	141,5	144,7	198,4	96,8	153,0
Rússia	16,0*	20,2	61,0	48,1	46,4	59,8	85,8	118,4	139,3	130,9	179,8	111,6	151,6
Japão	52,2	137,1	99,7	54,4	79,5	88,9	111,2	79,0	67,7	92,1	19,5	28,7	77,2
Emirar.Arab	12,3	3,9	14,8	11,1	9,6	15,1	19,0	32,7	45,6	46,1	62,0	35,0	60,0
Irlanda	3,0	12,4	26,4	32,3	35,8	38,9	43,0	44,1	35,6	37,6	41,7	52,2	58,1
Holanda	5,7	18,0	14,8	22,2	24,8	31,3	37,7	42,6	46,8	58,2	57,0	52,7	55,2
Noruega	6,8	9,0	25,6	26,2	24,8	28,2	34,0	48,3	57,9	56,1	82,3	51,6	54,8
Kuwait	3,0	5,0	12,3	8,3	6,4	9,7	16,0	29,1	38,8	41,4	62,6	32,4	44,9
Coréia Sul	4,8	10,0	11,8	9,3	10,4	15,0	29,4	23,2	16,1	14,7	13,3	40,4	41,2
Singapura	8,1	6,2	3,3	5,7	8,8	23,7	25,0	29,6	33,1	36,2	18,4	24,0	41,1
Catar	2,2	0,2	8,4	7,2	7,0	8,5	12,7	15,8	17,6	18,6	28,7	17,5	39,5
Nigéria	7,9	4,1	12,3	6,4	10,5	13,2	24,4	29,8	32,2	29,7	31,8	13,5	38,1
Irã	1,0	4,5	14,8	9,0	3,8	9,0	9,7	16,3	36,2	43,8	56,3	27,7	36,2
Líbia	10,9	3,6	9,7	6,6	5,4	10,3	14,1	25,2	34,3	40,3	53,7	25,5	35,6
Malásia	0,1	3,8	16,2	14,1	14,2	21,4	21,2	26,4	29,6	29,2	42,6	33,6	34,1
Angola	2,3	2,1	4,9	3,3	4,5	4,0	7,7	15,8	23,1	30,7	42,9	18,7	32,8
Cazaquist.	-	1,5	3,8	2,2	3,1	4,5	7,3	10,5	14,6	15,0	33,2	14,8	29,5
Indonésia	3,9	4,8	21,8	19,9	20,9	21,9	15,9	11,5	23,2	25,2	12,6	27,8	26,5
Venezuela	10,2	5,9	14,3	8,4	13,9	18,0	23,0	31,7	32,0	22,9	45,5	23,0	25,0
Taiwan	12,4	9,4	10,7	1,8	21,8	22,2	13,1	15,8	21,3	27,5	15,2	29,2	23,4
Bélgica	2,0	13,4	10,9	11,6	17,8	20,7	21,3	15,7	15,1	19,4	5,5	17,9	21,1
Suíça	5,9	1,4	2,0	2,0	5,5	4,6	7,0	4,3	6,5	10,9	17,1	17,1	19,5
Argélia	3,1	0,1	12,8	9,2	6,8	10,7	13,1	25,6	33,2	32,5	39,8	5,9	17,0
Chile	0,7	0,1	0,7	0,9	1,1	2,4	7,7	8,6	20,3	20,8	4,6	11,3	13,4
Tailândia	10,0	14,4	7,2	3,0	3,5	4,5	1,8	7,3	0,9	13,9	0,9	18,7	12,9
Argentina	8,2	0,9	1,2	6,2	16,6	15,8	12,2	11,7	12,4	11,1	12,6	16,9	11,1
Austrália	2,3	8,2	7,6	0,5	7,7	18,7	22,8	19,2	15,8	24,0	13,0	11,4	10,8
Suécia	3,2	15,4	14,2	12,4	14,6	18,6	22,9	19,3	20,2	15,6	14,8	11,4	10,5
Iraque	4,7	0,2	7,2	0,2	2,4	0,2	3,5	0,2	8,5	19,8	29,3	2,5	10,5
Brasil	8,9	7,6	3,9	0,4	10,7	22,3	30,3	40,9	42,0	34,0	15,5	19,3	10,4
Peru	1,2	2,0	0,4	0,3	0,2	0,7	2,7	4,9	8,5	7,4	1,5	5,2	5,4
Bolívia	0,2	0,3	0,6	0,4	0,5	0,0	0,3	0,5	1,1	1,0	1,4	0,4	0,9

Fonte: OMC

Elaboração: AEB

*URSS

Os dados mostram que, em 2010, quatro países, Alemanha, China, Arábia Saudita e Rússia foram responsáveis por mais de 50% do superávit comercial mundial, com destaque para a Alemanha, que em 2001 assumiu o posto de maior superávit mundial, perdendo essa posição para a China em 2008 e 2009, mas recuperando-a em 2010.

Também merece destaque a Noruega, que após iniciar a produção e exportação de petróleo, naturalmente mudou o patamar de seu superávit, situação que deverá acontecer com o Brasil após a entrada em produção dos poços do pré-sal.

Exceção feita ao Iraque, todos os tradicionais países produtores e exportadores de petróleo apresentam elevado superávit comercial, com destaque para a Arábia Saudita e Rússia, e menção especial para Angola, que após o fim da guerra civil retomou sua produção e mudou seu nível de superávit.

Este quadro mostra que, de uma forma geral, a relação dos países com superávit comercial sofre pouca alteração, sendo exceção a Austrália, que após longo período de déficit comercial, em 2010 voltou a apresentar superávit.

Como particularidade, 2008 foi o ano que foram obtidos os maiores superávits mundiais, apesar de aquele ano ter “terminado” em 15 de setembro, com a deflagração da crise internacional gerada pelo sub-prime.

O forte crescimento das exportações brasileiras na última década, decorrente da explosiva valorização das cotações das commodities, não foi suficiente para colocar o Brasil entre os maiores superávits mundiais, ocupando em 2010 a distante 32ª posição.

33 – MAIORES DÉFICITS COMERCIAIS MUNDIAIS

A lista dos países que apresentam déficit comercial tem sofrido raras alterações em sua composição, sendo a última exceção o Canadá em 2009, que após longo período de superávit, viu sua balança comercial passar a ter déficit a partir daquele ano.

O quadro seguinte relaciona os países com os maiores déficits comerciais mundiais, apresentados em ordem decrescente de valor relativos a 2010, sendo que os marcados na cor azul referem-se à apuração de superávit comercial em determinado ano.

PAÍSES	MAIORES DÉFICITS COMERCIAIS MUNDIAIS – US\$ BILHÕES												
	1990	1995	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
EUA	123,4	186,1	477,4	450,1	507,1	578,2	710,8	831,6	892,1	872,2	882,1	549,2	689,9
Reino Un.	37,8	29,4	62,6	71,1	83,9	93,8	123,1	129,2	152,8	183,8	173,3	129,2	152,8
Índia	5,6	4,1	9,1	7,0	7,3	13,6	23,2	43,2	56,6	79,3	126,2	87,0	106,5
França	17,8	11,8	11,3	5,2	2,4	6,8	18,8	40,7	46,0	71,3	99,6	75,5	85,3
Turquia	9,4	14,1	26,7	10,1	15,5	22,1	34,3	43,3	54,0	62,8	70,0	38,8	71,6
Espanha	32,1	15,7	40,9	38,0	39,4	52,5	75,7	96,2	115,0	136,0	139,3	69,1	67,7
Hong Kong	31,3	52,2	11,3	10,9	6,1	4,5	7,4	8,1	13,0	20,8	22,8	22,8	41,0
Itália	11,7	27,8	1,7	8,3	7,4	1,8	1,5	11,7	25,7	11,8	19,1	6,9	36,1
Grécia	11,7	14,8	21,8	20,7	21,2	31,4	37,5	37,2	42,9	52,6	64,1	39,8	29,8
Egito	8,9	8,3	9,3	8,6	7,3	5,6	6,3	9,5	10,6	17,9	22,2	21,9	26,5
Portugal	8,9	9,8	15,6	15,4	14,2	15,5	19,1	23,0	23,4	26,8	34,2	26,3	26,5
Marrocos	2,7	3,1	4,1	3,9	4,1	5,4	7,9	9,6	11,3	16,7	22,0	18,8	18,0
Polônia	2,7	6,2	17,3	14,2	14,2	14,5	14,7	12,2	16,2	25,5	38,3	12,2	17,9
Paquistão	1,8	3,5	1,7	1,0	1,3	1,1	4,5	9,3	12,9	14,8	22,0	14,1	17,3
Canadá	4,4	23,8	31,8	32,5	24,9	27,7	36,8	38,1	29,2	30,5	37,5	13,2	14,4
Vietnam	0,3	2,8	1,1	1,2	3,0	5,1	5,5	4,4	5,2	14,1	18,0	12,8	12,6
Romênia	2,6	2,4	2,7	4,2	4,0	6,3	9,2	12,8	18,7	29,8	34,5	13,7	12,5
México	2,8	5,1	13,1	14,5	12,4	9,6	14,3	14,0	13,5	18,4	27,0	11,8	12,3
África Sul	5,1	2,7	0,3	1,1	0,4	3,2	7,4	10,7	20,5	18,6	19,7	10,6	12,2
Ucrânia	-	2,4	0,6	0,5	-1,0	0,1	3,7	1,9	6,6	11,3	18,6	5,7	9,4
Croácia	-	2,7	3,5	4,4	5,8	8,0	8,6	9,8	11,1	13,9	16,6	10,7	8,2
Cuba	0,5	1,2	3,1	3,1	2,8	3,0	3,3	5,8	7,1	6,9	11,4	6,5	7,4
Áustria	7,8	8,6	4,7	3,9	0,4	2,4	1,5	2,1	0,5	0,7	2,9	5,7	6,5
Paraguai	0,4	2,2	1,3	1,2	0,7	1,0	1,5	2,0	2,9	3,1	4,6	3,8	5,5
Bulgária	0,1	0,3	1,7	2,2	2,2	3,4	4,5	6,5	8,2	11,5	14,5	6,9	4,7
Equador	0,8	0,1	1,2	0,7	1,4	0,5	0,5	0,2	0,6	0,4	0,2	1,3	3,6
Uruguai	0,4	0,8	1,2	1,0	0,1	0,0	0,2	0,5	0,8	1,1	3,2	1,5	1,9
Colômbia	1,2	3,7	1,5	0,5	0,8	0,8	0,5	0,0	1,8	2,9	2,1	0,1	0,9

Fonte: OMC

Elaboração: AEB

Os EUA, desde sempre, tem estado na desagradável liderança dos países com maior déficit comercial, sendo seu recorde negativo obtido em 2008, também quase sempre acompanhado pelo Reino Unido na vice-liderança.

Merece ser destacado o elevado e acelerado ritmo de crescimento do déficit comercial da Índia, um país tradicionalmente fechado, e cujas importações tem crescido rapidamente para dar suporte ao forte crescimento do seu PIB, passando de US\$51 bilhões no ano 2000 para US\$327 bilhões em 2010.

Como apenas três países (EUA, Reino Unido e Índia) concentram cerca de 60% do déficit comercial mundial, a quantidade de países deficitários é menor comparativamente aos superavitários.

Entre os países da América do Sul, Paraguai, Equador, Uruguai e Colômbia apresentam déficit comercial quase crônico, embora classificados nas últimas posições e de pequeno valor, compatíveis com o tamanho de suas economias.

Como particularidade, a maioria dos principais países da União Européia, e que também integram a zona do Euro, apresentam déficit comercial crônico, com destaques negativos para Reino Unido, França, Espanha, Itália, Grécia, Portugal e Áustria, dos quais apenas Reino Unido não adota o Euro como moeda.

Registre-se que, o fato de um país apresentar déficit comercial, não necessariamente constitui fator negativo, pois seu valor pode estar sendo compensado com o ingresso de capital em outras rubricas como investimentos, turismo, serviços, frete, seguros, lucros, etc.